

ILUSTRAÇÃO

N.º 325 — 14.º ano



Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

- Álgebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12\$00
- Elementos de Projecções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. 18\$00
- Elementos de Química**, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. 12\$00

MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 210 págs., com 208 gravuras. 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. 28\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. 17\$00
- Encanamentos e salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras. 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 págs., com 464 grav. 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmiento — 1 vol. de 436 págs. e 246 grav. 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. 25\$00
- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas. 15\$00
- Fogueiro**, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00

- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas. 20\$00
- Motores de Explosão**, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. 30\$00
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras. 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. 22\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. 15\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval**, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 188 grav., formato 16 x 22. 12\$00
- Construção Naval**, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22. 12\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS*Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dôres com o***ESPECIFICO BÉJEAN**O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contraa **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artrítica

*Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.*À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.^a edição de**F Á T I M A**

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO DR. ANTERO DE FIGUEIREDO

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e ouro, de ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE***CASA FUNDADA EM 1874**Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo****Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

**GRAVADORES
IMPRESSORES****Bertrand, Irmãos, L.^{da}**

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA**ILUSTRAÇÃO**

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**TEATRO**
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100\$00Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.^a edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15\$00**; enc., **Esc. 20\$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado **15\$00**

Pelo correio à cobrança **16\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distração, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o medo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Hoig, Cantani e Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a três de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15x23 de 126 págs., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8\$00**; Encadernado **13\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18\$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

a 2.^a edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(**Maria Severa Unofriana**)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a cores do pintor **ROBERTO SANTOS**, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8\$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A VISITA DA ESQUADRA DE ITALIA

O Tejo teve mais uma visita honrosa — a de um couraçado, quatro cruzadores e oito contratorpedeiros da 1.ª esquadra da Itália. Frota constituída por unidades moderníssimas que são verdadeiros modelos de construção naval, fazia uma bela vista na majestade das nossas águas. Em boa verdade, o Tejo foi a digna sala de visitas de tão nobres visitantes. Depois, a marinhagem, uns 7.500 homens espalharam-se por



tôda a Lisboa, sondando-lhes os seus encantos, subindo aos pontos altos para melhor poder desfrutar os seus magníficos pontos panorâmicos. Se, até agora, os italianos diziam com ufania: «Ver Nápoles e morrer!», o que ficarão pensando neste momento, depois de terem visto e admirado Lisboa?

Os contratorpedeiros da 1.ª esquadra italiana em pleno Atlântico. Em baixo: O couraçado «Conte di Cavour»



ESCOLAS PORTUGUESAS



Um grupo de alunas da Escola Industrial Fonseca Benevides, aguardando a visita do sr. director geral da Assistência Pública. O sr. Mira Mendes referiu-se elogiosamente a este modclar estabelecimento de ensino



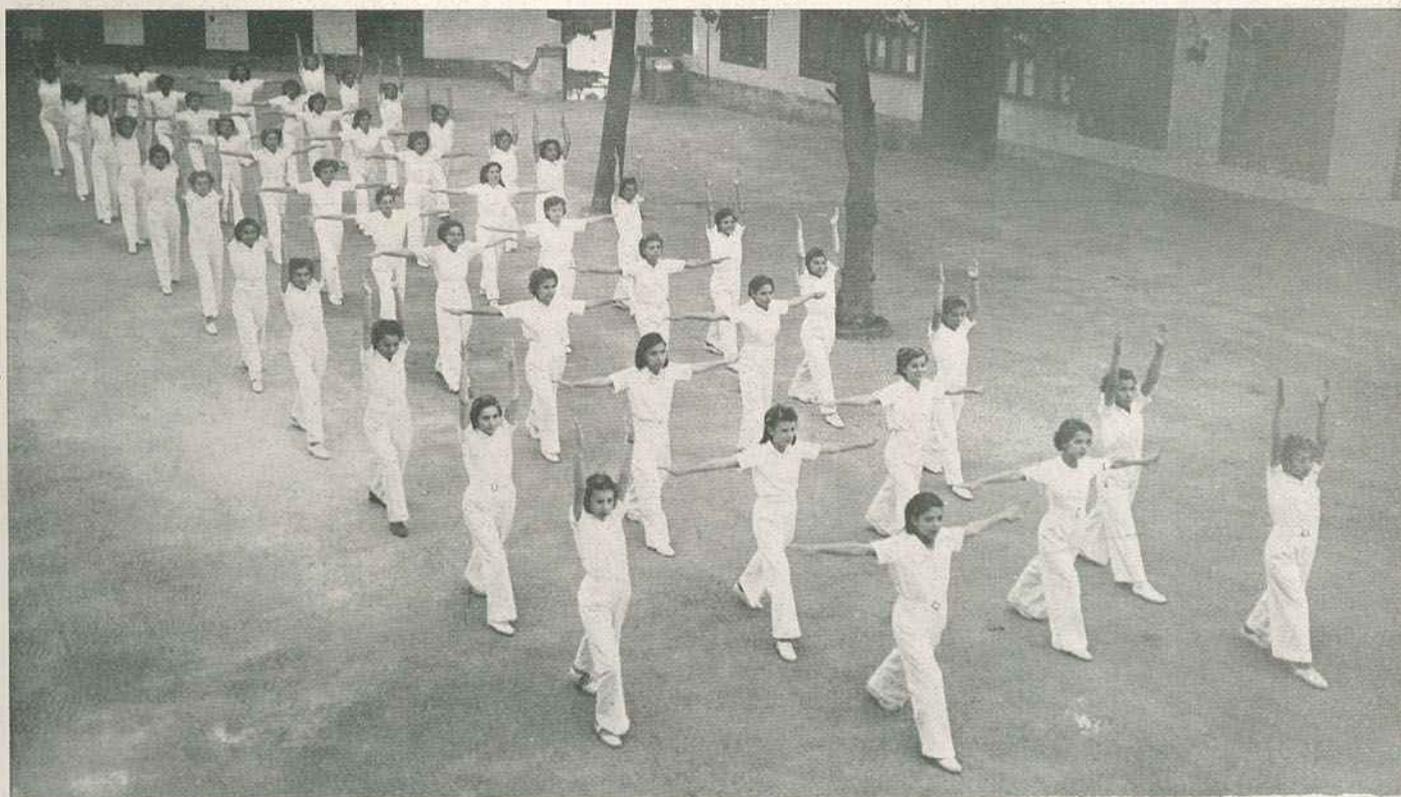
Na sessão solene de encerramento de trabalhos na Escola Comercial Patrício Prazeres, o aluno finalista José Antunes Neto lê o discurso em nome dos seus condiscípulos ao sr. ministro da Educação Nacional. — Em cima, à esquerda, um interessante grupo de alunas

NOTÍCIAS

DA

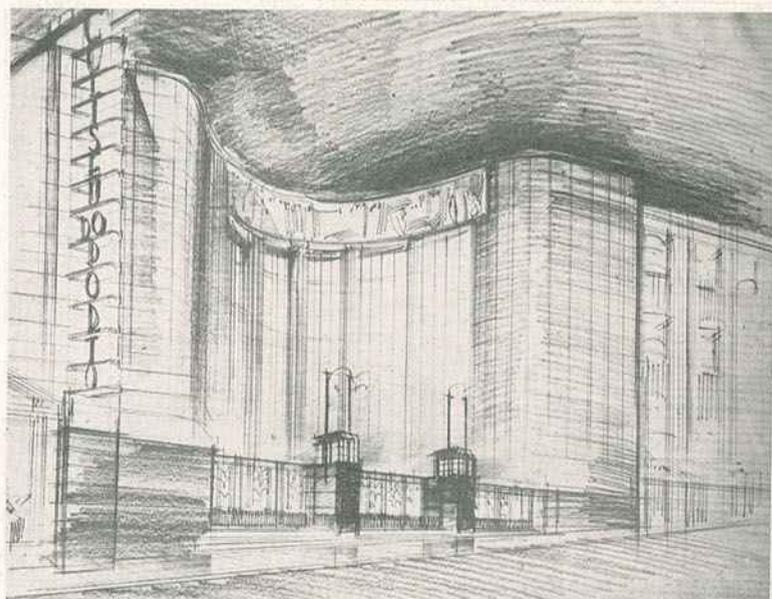
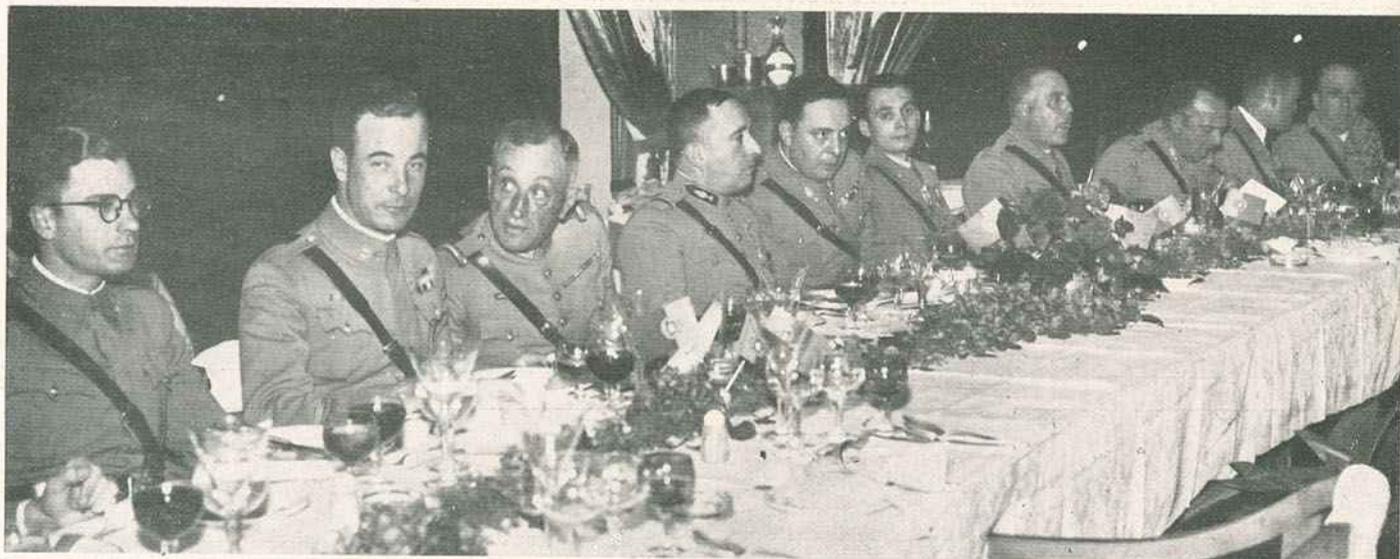
QUINZENA

Um trecho da interessante exposição de Arte e trabalhos escolares, no Instituto Feminino Português, que foi muito freqüentada por alunas de vários estabelecimentos de educação oficial e particular. Os directores do Instituto ofereceram aos visitantes um encantador poemeto do grande poeta algarvio Bernardo de Passos. *Ao centro:* Um aspecto da festa de encerramento do ano lectivo, realizado na Escola Industrial do Funchal, vendo-se o Orfeão Infantil rodeado da numerosa assistência. *Em baixo:* Grupo de alunas da Escola Industrial do Funchal em formação de ginástica

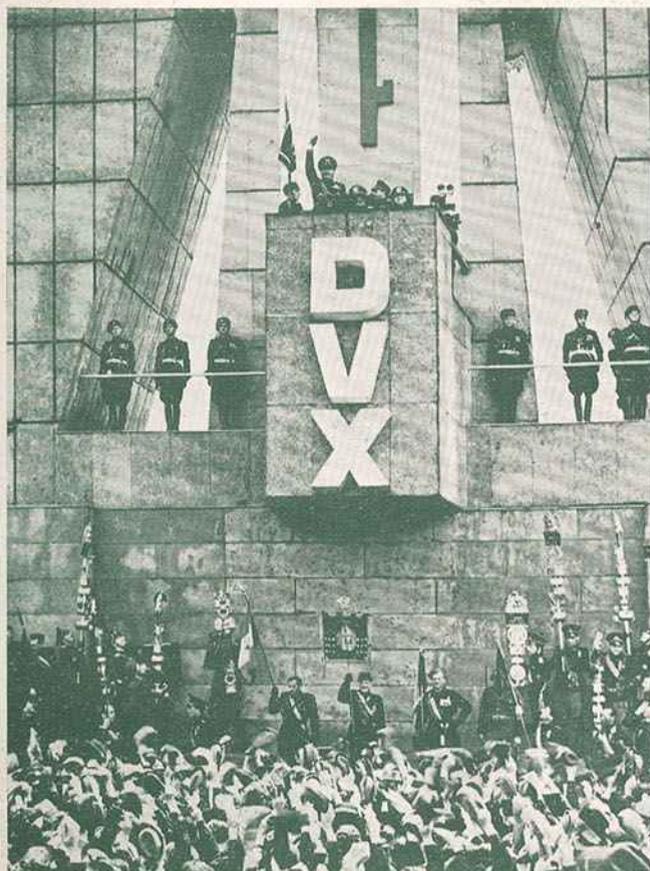


ECOS DA QUINZENA

Um aspecto da assistência à festa da consagração dos «Viriatos» no Teatro de S. Luiz. — *Ao centro:* Um trecho da assistência ao banquete oferecido pelos «Viriatos» ao chefe da missão militar em Espanha, coronel Anacleto dos Santos. — *Em baixo, à esquerda:* A fachada do projectado Coliseu do Pôrto que será inaugurado no ano próximo. — *A' direita:* Os vereadores da Câmara Municipal visitando a exposição de begónias na Estufa Fria do Parque Eduardo VII



COISAS DE ITÁLIA



Mussolini falando ao povo na grande praça Vittorio Veneto, da cidade de Turim que evoca a batalha de Outubro de 1918 em que o exército italiano marcou uma bela página nos anais da Grande Guerra



Numa Maternidade italiana, as mães prolíferas mostram a Mussolini os seus filhos



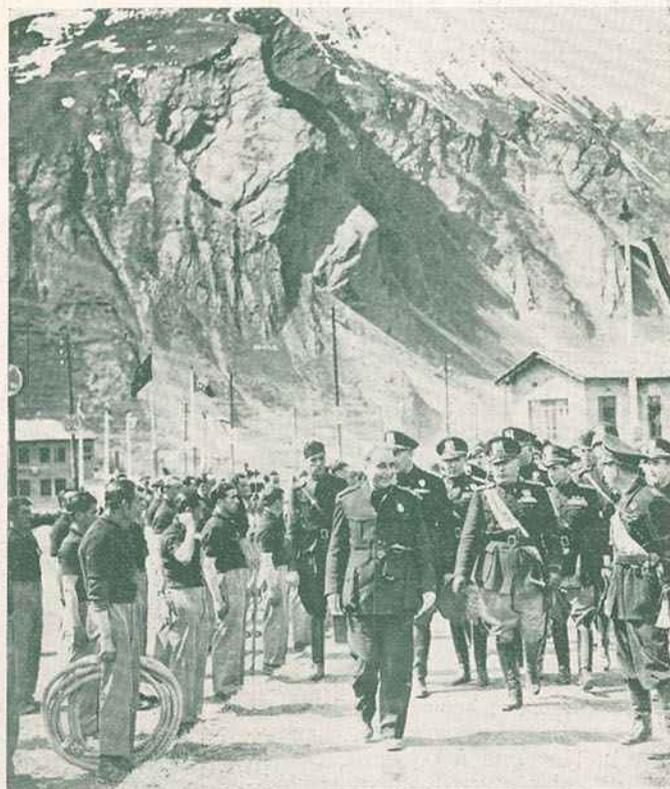
Em Cádiz, a multidão aclama entusiasticamente os legionários italianos que partem para o seu país



A multidão, na praça Vittorio Veneto, de Turim, ouvindo o discurso de Mussolini



Em Cádiz, a Juventude espanhola aguarda a passagem dos legionários italianos para os saudar



Mussolini visitando uma aldeia operária que fica a mais de 2.000 metros de altitude, próxima das grandes minas de ferro de Cogne



Mulheres chinesas implorando o auxílio dos deuses

UM repórter da «Associated Press» da América, que pôde presenciar a guerra de guerrilhas na China contra os japoneses, conta-nos o seguinte: «Dia e noite os japoneses disparavam canhões e metralhadoras, às cegas, contra searas de trigo, onde não se divisava vestígios do inimigo, mas onde os japoneses supunham que havia chineses ocultos. As guarnições japonesas viviam sob o domínio do terror e nenhum japonês se atrevia a apartar-se muito dos seus quartéis. De Tien-tsin vinham os aviões diariamente, mas não encontravam alvo sobre que atirar. Os rails do combóio que se dirigia para a cidade, tinham sido arrancados, e um combóio militar japonês tinha descarrilhado, com prejuízos graves. As armas modernas dos japoneses eram impotentes contra um inimigo, que ninguém via. Os guerrilheiros não podem recapturar uma cidade, mas esperam, por meios de ataques isolados e inesperados, abater o poder do Japão numa guerra prolongada.

Em homens, as forças chinesas quase que não têm limite, porque a população do seu território é multi milionária e extraordinariamente prolífica. As sedes das guerrilhas acham-se ligadas à sede central por meio do rádio ou do telefone. Abastecimento de meios de alimentação não falta; os arsenais de aldeia fabricam espadas, granadas e munições para fuzilaria em quantidade suficiente para o ataque incessante. Pouco depois do ataque a Paoting, o americano atravessou as linhas japonesas sorrateiramente, pedalando na sua máquina, ao abrigo da bandeira americana; mal tinha percorrido alguns quilômetros, saiu-lhe ao caminho um grupo de chineses, que haviam estado ocultos até aquele momento. Trajavam fatos de algodão verde, da cor da erva abundante, e as suas munições constavam de granadas de mão, de fabrico nacional. Tendo reconhecido que se tratava de um jornalista americano, país amigo, diz o repórter: «Levaram-me até à sede, a uns 7 quilômetros de distância. Pelas aldeias, os camponeses saudavam-me com alvoroço; homens, mulheres e crianças usavam de braçadeiras, que indicam pertencem à organização que fornece comida e armas aos guerrilheiros. Por duas vezes, encontrei unidades guerrilhas, que contavam entre 200 a 300

homens a caminho do combóio, que os levava a alguma sortida contra os japoneses, cantando alegremente os seus cantos patrióticos. A maior parte deles eram rapazes de 17 ou 18 anos, delgados e secos, vestidos muito sumariamente, armados com armas muito rudimentares e tomados de um entusiasmo indomável».

Nas planícies a sul de Peiping encontram-se 80.000 guerrilheiros em activo serviço, constituídos na sua quasi totalidade por estudantes das escolas e universidade de Peiping, alguns voluntários da Manchúria com uma experiência de sete anos de guerra contra os japoneses e outros tantos oficiais do exército chinês.

Em uma das aldeias encontravam-se dois professores da Universidade cristã de Peiping, que têm a especialidade de organizar expedições destruidoras das obras dos japoneses, e exultavam porque haviam regressado de uma expedição em que tinham destruído um combóio japonês e causado 200 vítimas.

Quando lhes faltava a dinamite, os professores tinham ensinado os soldados a retirar as travessas que seguram os rails dos combóios, de forma que, quando estes passavam, os rails já soltos desviavam-se e causavam o descarrilhamento.

Os japoneses percorrem as linhas férreas com locomotivas leves e blindadas a fim de descobrir os pontos em que os chineses tenham preparado alguma cilada, e os chineses, por sua vez, enganam os japoneses substituindo as travessas de ferro por travessas de madeira pintadas da cor do ferro e colocadas cuidadosamente, onde as de ferro se deveriam encontrar. Por este processo, os chineses já tinham causado 50 descarrilhamentos ao sul de Peiping.

Um dos professores ajuntava: «Na melhor das condições são necessários de 1 a 4 dias para reparar o desastre causado».



Um ataque dos japoneses

NO EXTRE

A FORMIDÁVEL TACTICA

Calculam os chineses que o Japão

Organizam-se também grupos chamados de *ladrões*, especializados no roubo aos japoneses, de rails e arame próprio para redes telefônicas.

Em uma aldeia ofereceram-se duzentos trabalhadores rurais, que se dedicam a esse trabalho, uma noite por semana. Está calculado que numa noite podem transportar 10 rails, levá-los para uma distância de trezentos metros e enterrá-los para os ocultar à vigilância dos japoneses.

Podem igualmente levantar dois quilômetros de postes telefônicos e levar arame e isoladores respectivos.

A reparação dos estragos causados numa noite, por esse processo, custa aos japoneses uns 4.800 «yens», ou seja, aproximadamente na nossa moeda, uns trinta contos.

Os chineses puzeram em campo dois mil agentes para organizarem os cultivadores, nas zonas ferroviárias, em agremiações que são como outras tantas máquinas de destruição, dirigidas por um corpo central.

Se os chineses conseguirem organizar mil dessas agremiações, o génio da destruição do povo chinês calcula que o orçamento do exército japonês terá de ser acrescido de mais um bilhão de «yens» anualmente.

Por seu lado, os japoneses organizaram um corpo de chineses não armados que, sob a ameaça de morte, têm de vigiar as linhas férreas e relatar o que durante a noite houver sucedido.

RIENTE

AS GUERRILHAS NA CHINA

Quatro anos a cansar-se e a cair na bancarrota

Na maior parte das vezes, este corpo de guarda relata a verdade, mas depois de ter ajudado os seus compatriotas a arrancar e transportar os despojos.

Os japoneses ameaçaram de destruição as aldeias, que se encontrassem próximas destes actos de *sabotage*, mas depois de terem destruído 200 aldeias, verificaram que a *sabotage* tinha aumentado.

Os japoneses não possuem forças em número suficiente para se oporem a estes actos, e hesitam em sacrificar homens desviando-os dos seus centros, pela noite.

Os chineses mascaram-se de japoneses muitas vezes para facilitar as suas sortidas contra o território em posse do inimigo.

Em todas as sedes das guerrilhas há sempre, pelo menos, uns 100 fardamentos japoneses e há muitos oficiais chineses, que falam o japonês perfeitamente.

O general Lin Pao morreu à frente de um destacamento composto por 600 homens disfarçados em soldados japoneses.

Os chineses usam ainda de muitas outras manhas. Há os «corpos de *traidores*» constituídos por chineses ao serviço dos japoneses que, na maioria dos casos, ajudam os chineses desfarçadamente.

Deu-se esse caso por ocasião da tomada de Ankers por 300 japoneses, ajudados por 500 soldados chineses mercenários.



Tropas japonesas avançando cautelosamente

A cidade, logo após a tomada, foi cercada por quatro mil guerrilhas, que em 6 dias se apoderaram de 16 caixas com munições japonesas, graças à intervenção dos «traidores».

Nas montanhas a sul de Shansi há um poderoso transmissor de rádio que, todas as noites, envia instruções militares a todas as guerrilhas da China do Norte. Nenhum dos comandantes das guerrilhas conhece o certo onde está instalado o transmissor, porque cada três dias este é transportado, através das montanhas, para um novo posto desconhecido.

De uma vez os japoneses tinham-se apoderado da cidade de Shansi, que contém 15.000 habitantes, na intenção de estabelecerem ali uma das suas bases. Tinham transportado para ali 20.000 soldados e grandes quantidades de comestíveis.

Os guerrilheiros, porém, cercaram a cidade durante dois meses interceptando todas as caravanas, que traziam abastecimentos. Os japoneses espalhavam algumas das suas unidades pelos campos

Cerimônia típica nos templos chineses

com o fim de causar o pânico entre os chineses e cessar a pilhagem. De cada vez que uma unidade regressava a quartel, o seu número tinha decrescido e, por este processo, vendo os japoneses as suas forças reduzidas a metade, retiraram para as cidades fortificadas e servidas por combóios. As colunas japonesas continuam a penetrar pelo país, em território onde operam as guerrilhas, e a tática destas vai sempre aumentando.

Quando os japoneses se aproximam, os chineses abandonam as aldeias.

Em Shansi a população transportou todos os seus bens para o cimo das colinas, onde as guerrilhas podem facilmente esconder-se e atirar sobre o inimigo, se é-te se aproximar.

Os japoneses não encontram comestíveis nem gente de trabalho indispensável para o transporte do seu material.

Todas as estradas foram destruídas a fim de dificultar o avanço das tropas; as muralhas medievais de perto de 100 cidades foram destruídas para facilitar as operações das guerrilhas.

Os chefes das guerrilhas calculam que levará quatro anos para cansar o Japão e levá-lo à bancarrota, e todos estão dispostos a esperar.

ADOLFO BENARUS.

AS LUVAS

A história das luvas não é das mais insignificantes, na vida das coisas pequenas, que se introduziram na existência do homem com a civilização.

As luvas que hoje são um acessório elegante começaram por ser um uniforme de guerra. As primeiras luvas que conhecemos são as monstruosas manopolas de aço, usadas pelos guerreiros medievais, manopolas que cobriam as mãos com a armadura de aço que podemos ver nos Museus.

Essas formidáveis armaduras que nos dão a impressão da força bruta, admiravelmente trabalhadas algumas como as que estavam expostas na Armeria do Palácio Real de Madrid, e as que assombrom no Museu do Palácio Real de Turim.

Sendo talvez a mais interessante dessas exposições a que está no Museu Stihert em Florença onde podemos assistir a uma carga de cavaleiros montados, que dá à nossa imaginação a sensação perfeita que galopam para nós.

Essas luvas de aço defenderam mãos rudes afeitas a apertar armas pesadas, com que se ceifavam vidas, mas se as observarmos demoradamente que perfeição e delicadeza de trabalho elas não revelam, é que até nas coisas mais brutais há um certo encanto quando são feitas com perfeição e apuro.

Em seguida apareceram as luvas em pele, mas de pele de cavalo ou de pele de bufalo, que os cavaleiros da Renascença arvoravam com os seus trajos ricos e que nos vieram da Itália, berço das elegâncias nessas remotíssimas eras.

Mas apesar de mais delicadas eram ainda combativas essas luvas, porque usadas por guerreiros, embora parecessem mais delicadas do que as luvas de aço.

E eram ainda essas luvas que serviam de desafio e de repto ao combate, quando atiradas aos pés dum cavaleiro, elas significavam a humilhação duma bofetada.

E nessa época de valentia e coragem, de amor próprio, qual era o cavaleiro, que não levantava uma luva do chão em sinal de aceitação dum desafio?

Era a época dos duelos em que os homens preferiam a morte à cobardia e que não havia luva que fosse atirada que não fosse logo levantada na ponta duma espada. E apesar de profundamente crentes e cristãos não hesitavam em infringir os mandamentos da Lei de Deus, matando, para desafrontar a sua honra.

Épocas em que a honra dum homem era considerada e valia mais que o dinheiro e que a vida humana, épocas em que o materialismo não invadira a sociedade e a alma humana, e, em que acima do dinheiro é do materialismo, havia qualquer coisa de superior e de ideal.

Os próprios espadachins de profissão, creaturas um pouco desclassificadas, tinham o seu código de honra, a que não faltavam por coisa nenhuma, preferindo ser mortos e faltar à sua palavra e a não desagravar uma ofensa à sua espada.

Pouco a pouco as luvas passaram dos campos de batalha e das rixas de espadachins, para os salões e começaram a aparecer as luxuosas luvas bordadas nos punhos, recamadas de pedras preciosas e de pérolas, luvas que vestiam mãos de reis e de rainhas, de fidalgos e de damas, luvas que se apertavam num roçar de dedos duma dansa.

Luvas dadas como testemunho de amor ou roubadas como recordação, e, que foram encontradas no peito dos valentes que caíam nos campos de batalha, penhor de amor, e «talismã» muitas vezes inútil.

Essas luvas que eram um objecto de supremo luxo só usadas por gente de algo, foram objecto de muitos requebros, inspiraram muita poesia e deram origem a muitas lendas. Uma das mais belas é a da princesa que enlevada no amor de Deus, queria recolher a um convento, a sua beleza era linda, mas sobretudo residia nas suas mãos umas mãos de talhe ideal, de dedos longos e afinados terminados, por unhas roseas corpo de coral, a pele branca e macia, cada dedo era acentuado por uma graciosa covinha.

Um príncipe viu estas mãos apaixonou-se por

elas e pediu-a em casamento. Herdeiro dum grande reino, conquistou logo o rei pai da princesa, que a obrigou a casar com o príncipe.

Ela que se oferecera a Deus foi para o casamento como o condenado para a fôrça. E como eram as suas mãos o que mais encantava o príncipe, na sua pessoa, eram elas as causadoras da traição à sua vocação, resolveu calçar luvas e nunca as descalçar.

Não houve rogos que a resolvessem e quando depois de casada o marido a quiz obrigar a tirar as luvas e lhas queria arrancar as suas mãos sangravam. Ele suspendia a violência e o sangue parava; assim a princesa nunca descalçou as luvas que nunca se romperam, e, as suas mãos, a sua maior beleza, nunca mais foram vistas por olhos humanos. Foram só para Deus, como ela o queria ser.

Essa encantadora lenda é uma das mais lindas, na história das luvas, em geral, muito mundana e cheia de episódios romanescos.

Depois começaram as luvas a ser consideradas como intermediárias de negócios e quando se queria recompensar algum serviço, oferecia-se uma caixa de luvas onde se incluía em moedas de ouro, o preço que o serviço valia. De aí veio a frase, dar luvas e receber luvas, que tanto se ouve, quando se trata do pagamento dum serviço ou da recepção muitas vezes dum dinheiro indevido.

Hoje como tudo, as luvas estão democratizadas e todos usam luvas, principalmente no inverno, quando faz muito frio e as mãos se enregelam, essas quentes luvas de lã feitas ao «tricot», luvas que defendem as mãos dos trabalhadores e daqueles que em enregeladas manhãs ou noites, têm ofícios que os obrigam a andar na rua.

Mas há luvas, e luvas e certos exemplares são ainda um sinal de elegância. Um belo par de luvas de pele de cavalo apertadas na mão forte dum homem bem posto, são ainda hoje, um sinal de elegância.

As luvas de pelica Franca, usadas com a casaca, são ainda hoje, um sinal de grande distinção e de festa de cerimónia.

Na mulher, a luva é duma elegância requintada e na verdade uma pequenina e elegante mão, bem enluvada, tem sempre um grande atractivo.

A luva feminina tem actualmente uma grande variedade e há luvas para todas as horas, luvas de todos os materiais, de todos os feitios e para

todos os efeitos. Na mão nervosa e forte da mulher desportiva, vêm as luvas de pele de cavalo, respontadas, que equalam as luvas que os homens usam e se distinguem apenas pelo tamanho.

No inverno quando faz frio, as friorentas escondem as suas mãozinhas em luvas forradas de pele, com guarnições da mesma pele, que lhes dão um aspecto de grande conforto.

Há luvas altas para a noite, luvas de canhão para «toilette» e luvas curtas para a simplicidade dum autentico «tailleur»; usam-se luvas brancas, pretas e de todas as cores, em todos os tecidos.

Luvas de pelica, de camurça, de «suéde», de veludo, de renda, de «lame», de malha, de tudo o que é rico e de tudo o que é belo.

Esta primavera trouxe-nos a profusão das cores nas luvas; há-as azuis, verdes, encarnadas, roxas e «bordeaux». As mãos ostentam hoje todas as cores, as mais inesperadas.

Mas o que é necessário é saber usar essas fantasias, que com abuso fazem perder à mulher essa distinção elegante, que a torna notada, por aqueles que consideram o saber vestir como uma arte que é, e, uma requintada arte de elegância e beleza. É preciso que haja numa «toilette», sobriedade e contrastes.

Um vestido escuro com umas luvas berrantes, verdes ou azuis, da cor da guarnição do chapéu, do cinto, ou da graciosa, «écharpe» que se enrola ao pescoço é dum elegantissimo efeito.

Uma «toilette» toda na mesma cor luvas e sapatos, quando essa cor é uma cor forte, perde muito a sua distinção e toma um aspecto de aberta «coqueterie» que não dá o mesmo efeito, dessa verdadeira elegância, que dá o contraste, que representa talvez um muito maior estudo, embora o não aparente.

E a verdade é que nós julgamos muito pelas aparências.

Luvas altas em veludo preto são de grande elegância com um vestido de baile, branco. Contraste, sempre esse contraste que a mulher apreciava em tudo, nas cores, na sua maneira de ser, a mulher é toda feita de contrastes, até nos seus mais íntimos sentimentos.

A mulher bem mulher abriga na sua alma feminina um anjo de imaculadas asas, e, um feverso diabinho vermelho que faz negações e ri de tudo.

Livremo-nos do diabinho e deixemos expandir o anjo.

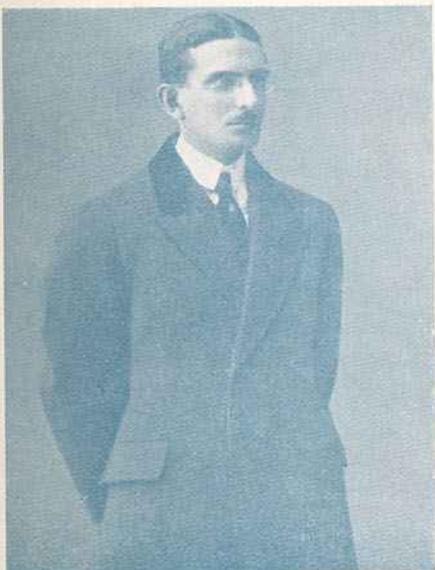
E na elegância das luvas escolhemos a mais discreta, que será sempre a mais bela, e para não faltar à nossa promessa deixemos sangrar as nossas mãos, mas não arranquemos as luvas; sejamos como a formosa princesa da lenda bretã.

MARIA DE EÇA.



INICIATIVAS EM ÁFRICA

A ponte sobre o rio M'tabuade na Zambézia



Engenheiro Henrique Araújo

QUEM nunca visitou os nossos domínios africanos, tem a impressão de que essas paragens são hostis à vida humana e que o sol, transformado em fornalha, torra em poucos instantes o confiado europeu que se aventure a enfrentá-lo.

Fala-se, a cada passo, nos vastos areais marroquinos em que se morre de sede, devendo considerar-se um herói todo aquêle que consiga transpô-los com uma réstea de vida agarrada à carcassa depauperada por mil e uma privações.

Essas histórias, divulgadas pelos franceses, a-fim-de valorizarem a sua conquista de Argel, não têm hoje a menor razão de existir.

Quanto a nós, portugueses, os primeiros que penetramos no coração das Áfricas, motivos mais fortes nos assistiriam para exaltar o nosso esforço, visto termos ido mais longe, incomparavelmente muito mais longe.

No entanto, arrostamos com tôdas as dificuldades, transpusemos todos os obstáculos, domamos as rebeldias do próprio clima, e transformámos os nossos domínios africanos em regiões habitáveis, confortáveis e salubres.

Atendendo à enorme extensão desses territórios adustos, lutava-se com a falta de vias de comunicação, mas a isso mesmo se deu remédio.

Referimo-nos hoje à importante ponte, com 92 metros de comprimento e 8 de altura, inaugurada há um ano — fê-lo agora em 26 de Junho — sobre o rio M'tabuade, na província da Zambézia, em Moçambique.

Desde há muito que se notava a sua falta, visto ser necessário favorecer a linha de camionagem de Mocuba ao Gurué, linha de grande movimento por causa das plantações e fábricas de chá existentes naquela região.

Em boa verdade, esta ponte honra o autor do projecto e dirigente da construção, Engenheiro Henrique Araújo, que, não só nesta província, como nos antigos destritos de Cabo Delgado, Moçambique e Niassa, tem deixado assina-

lada a sua passagem por muitos outros importantes trabalhos.

Vem a propósito dizer que ao Director dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes daquela Colónia, Engenheiro Francisco Pinto Teixeira, se deve a iniciativa da construção, custeando-a pelos fundos daquêles serviços.

Salientaremos também que muito se deve ao Governador da Província da Zambézia, capitão José Júlio Botelho de Castro e Silva, pois que tomou o mais desvelado interêsse pela mesma obra e para ela deu muitas e valiosas facilidades.

A obra lá está realizada com tôdas as suas inúmeras vantagens.

Entretanto, o Engenheiro Henrique Araújo prossegue afanosamente nos seus trabalhos de projectos de pontes que constituem factores poderosíssimos para a prosperidade da Província.

Um dia, quando êsses trabalhos estiverem concluídos, o público há-de bendizer, recordando, como agora recorda ao atravessar a ponte do rio M'tabuade, o nome do Engenheiro Henrique Araújo como o de um benfeitor das selvas.

Em tão férteis regiões impunha-se a iniciativa civilizadora de alguém que fizesse desaparecer os obstáculos duma época primitiva.

Os grandes problemas de urbanização, de vias de comunicação e transportes não dizem respeito às grandes capitais europeias ou americanas.

Nessas paragens sertanejas que a ro-

tina, na sua clássica ignorância, continúa a considerar inóspitas, é que se torna absolutamente necessário criar todos os melhoramentos.

Se às grandes reservas de ouro se dá o luxo de cofres fortes com todos os aperfeiçoamento modernos que custam verdadeiras fortunas, não será demasiado dar tôdas as vantagens, confortos e comodidades à terra abençoada de cujo seio fecundo brota o ouro e mil outros productos que não têm menos valor.

Portugal, despertando do seu torpor centenário, não se contenta com a glória de ter sido o berço dos

navões assinalados

Que da occidental praia lusitana

Por mares nunca dantes navegados

Passaram ainda além Taprobana.

Como legítimo possuidor dos seus domínios, quer engrandecê-los, torná-los, prósperos e modelares aos olhos desse mundo invejoso de hoje, do qual, há cinco séculos, não havia a mais ligeira notícia.

Se noutras eras, foi desperdiçado o ouro que as nossas possessões ultramarinas despejavam, dia a dia, na praia do Restêlo como um desmentido ao pessimismo do velho irritado contra «a glória de mandar, a vã cobiça», o Portugal de hoje saberá aproveitar o seu ouro no justo engrandecimento de tudo o que é português.

SÉRGIO DE MONTEMÓR



A ponte sobre o rio M'tabuade



O rei Gustavo, da Suécia, tenta a castanha

Não há recanto do país onde os nomes dos políticos em evidência, dos homens do dia, não tenham chegado e onde eles não sejam conhecidos.

O guarda-chuva do sr. Neville Chamberlain, o bigode do sr. Adolfo Hitler, o riso franco do sr. Franklin Roosevelt, as atitudes pretensamente marciais do sr. Benito Mussolini, o rosto grave e sereno do sr. Eduardo Daladier, e outros e tantos — são de sobejo conhecidos, fazem parte do *habitat* da população.

«Vens inchado, pareces Mussolini»; «olha aquele com guarda-chuva neste tempo, é mesmo o inglês», são frases que quotidianamente se ouvem pronunciar, até pelo garotinho que, mal sabendo soletrar ainda as palavras, já avidamente procura nos jornais e nas revistas as figuras que se lhe tornam familiares. A noite, vai ouvir pela rádio — esse invento maravilhoso tão largamente espalhado — as notícias que ás personagens, já suas conhecidas, dizem respeito.

E muito numerosas essas notícias são. Os grandes acontecimentos que revolucionam a Europa sucedem-se ininterruptamente e os nomes das vedetas da política internacional, sempre na balha, são repetidos todos os dias com uma insistência tal que não se apagam mais da mente. À memória visual juntou-se a auditiva.

Agora ouvem-se falar uns e outros em discursos retumbantes ou em ameaças de subverter céus e terra, logo, os jornais mostram-nos sorridentes, gozando beatificamente o seu fim de semana, para, daí a pouco, se verem rodeados de grande aparato bélico, o que não quer dizer que, minutos passados, se não façam fotografar em recepção amistosa àqueles próprios com quem momentos antes pareciam ir já cortar relações, ou mesmo entrar em guerra.

Quasi nos chegamos a convencer de que sejam homens diferentes do comum dos mortais, homens superiores, isentos dos defeitos e fraquezas inerentes ao ser humano.

Mas não o são. Cada um tem o seu sinal particular, a sua marca; todos eles possuem um passatempo para as horas vagas; cada qual tem uma distração particular e querida — a *business*, na palavra inglesa.

Quem há que não tenha ouvido falar da coleção de selos postais do defunto rei Jorge V, valiosíssima porque é das mais completas do Mundo, ou da paixão acrisolada do rei Ghazi do Iraque pelos automóveis e pela vertigem da velocidade, que conduziu este soberano, ainda há bem pouco tempo, a uma morte inglória na flor da vida? Ou quem não conhece o amor que o Rei Soldado devotava ao alpinismo, tão grande que a morte escolheu uma das frequentes ascensões do valente soberano belga para consigo o levar?

Mas deixemos o mundo dos Mortos, e olhem os vivos.

Não há um único estadista, um só governante, ao qual se não possa apontar qualquer distração que nas horas vagas lhe é particularmente querida.

Vejamos as de alguns e comecemos pelo Novo Mundo.

O presidente Roosevelt, além de bom dono de casa, pois durante a sua permanência em White-Hall tem introduzido

grandes transformações e melhoramentos no palácio que serve de residência ao primeiro magistrado da grande república yankee, é um apaixonado

Mussolini correndo à frente do regimento «beragieri»

ÊLES TAMBÉM SE DIVERTEM...

Como os estadistas gastam os seus ócios

conado pela pesca à linha, em veloz canoa automóvel.

É um desporto que considera muito agradável e lhe proporciona o ensejo de engendrar numerosas histórias anedóticas.

O tempo que não dedica à pesca, é na filatelia que o consome, sendo possuidor de uma das melhores colecções de selos da América.

Guitarrista exímio — até parece português — o presidente Cardenas, do México, delicia frequentemente os seus convidados com algumas das quentes canções da sua terra, enquanto o seu colega brasileiro, o conhecido dr. Getúlio Vargas, muito burguesamente vai cavando o jardim da residência.

Outrossim, educa as filhas como se homens fôsem, e ainda a quando da última intenção integralista se viu senhorinha Alzira Vargas, de pistola em punho, batendo-se valentemente ao lado do Pai, na varanda do palácio presidencial.

No Extremo Oriente Europeu, no Kremlin, que durante séculos os Romanov habitaram, vive um outro tzar que se chamou José Djougachvili, nome que por não ser desconhecido das polícias de diferentes países, ele preferiu mudar para Staline — «homem de ferro» significa esta palavra em língua russa.

É muito grato a Staline passar as tardes numa vivenda dos arredores de Moscovo, guardada como uma fortaleza, jogando, o xadrez com alguns dos amigos do dia. Sua mãe — é sintomático para uma doutrina que quer abolir os laços familiares — encontra-se sempre junto dele.

O sr. José Beck, o inteligente ministro dos estrangeiros polonês, tem algo de gastrônomo: é ele que escolhe sempre as ementas das suas refeições. Além disso, gosta de fumar do melhor e mais aromatizado tabaco e de mudar diariamente de gravata — razão porque possui nada menos de trzentas e sessenta e cinco, tantas quantos os dias do ano.

E, acrescentam os que conhecem o guarda-roupa ministerial, todas elas nos seus padrões revelam o gosto apurado do ilustre político.

Olhando para os nossos vizinhos espanhóis, vemos o general Francisco Franco, um dos mais falados e discutidos homens da actualidade, aproveitar os poucos ócios que a dupla função militar e política lhe deixa, para, ao fim do dia, chegar a casa, calçar umas pantufas, vestir um fato caseiro, e ficar toda a noite cavando amistosamente com a esposa e contando histórias à sua adorada Carmencita, filha dilecta e insinuante do caudilho espanhol.

Gosta também de ordenar a magnífica colecção de armas, muitas das quais

trazidas das campanhas no Marrocos Espanhol.

O sr. Albert Lebrun, que há três meses apenas foi reeleito por outro septênio para a Presidência da República Francesa, gosta imenso de passar o dia no campo, divertindo os netinhos e construindo-lhes brinquedos, única coisa em que emprega a sua actividade de engenheiro.

Em Buckingham Palace, aprecia-se em extremo o bridge, antiquíssimo jogo inglês, em que o rei Jorge VI se mostra emérito. É, de facto, um dos melhores jogadores de bridge da Grã-Bretanha.

O seu colega italiano, o decano dos soberanos reinantes, aproveita os longos ócios, que o seu presidente do Conselho lhe concede, na numismática. A colecção de moedas de Victor Manuel III é preciosa e, ao menos neste capítulo, a sua autoridade é acatada.

Leopoldo III da Bélgica é, como seu Pai o foi, um desportista distinto.

Todas as manhãs pratica vários e complicados exercícios físicos que um soldado americano lhe ensinou durante a Grande Guerra. As ascensões não tem já segredos para ele e os seus esbôços a carvão demonstram uma certa habilidade para a pintura e denotam um fino espírito de observação.

O rei Carol da Roménia possui um grande espírito mercantil.

Os seus lazeres são empregados na gerência cuidadosa dum estabelecimento de venda de vinhos e queijos produzidos nas propriedades reais, estabelecimento que é situado a alguns passos apenas do palácio de Bucarest.

Como os vinhos são muito procurados, o negócio prospera a olhos vistos...

Idêntico pensar tem o pequeno Pedro da Jugoslávia, filho do desditoso rei Alexandre, há anos assassinado em Marselha, que se vai entreterendo, enquanto o regente Paulo lhe não entrega o poder, em fabricar objectos de madeira que depois revende aos seus companheiros de brinquedos.

Pretende com a soma que assim junte comprar uma avioneta, pois tem uma verdadeira loucura pelos desportos aéreos.

Lá no Extremo Oriente, o imperador Hirohito, o único japonês que pode usar os crismamentos, a flor sagrada da família reinante, procura estabelecer as leis sobre a hereditariedade em complicado laboratório que se instalou no palácio de Tóquio onde habitualmente reside.

Os oitenta e tal anos do rei Gustavo V da Suécia, não impedem que ele seja o primeiro atirador do reino, assim como não obstat a que nas suas mãos a *raquette* obre maravilhas e que se consiga bater com os campeões de ténis da Europa.

O seu vizinho e amigo, o chefe da

Noruega, Aakon de nome, esse é um estudioso da geografia, agradando-lhe imenso, como ao nosso rei D. Carlos e ao falecido príncipe de Mónaco, as explorações oceanográficas.

Estranho divertimento é o do rei Bóris da Bulgária que, cada vez que viaja, conduz ele próprio a locomotiva do comboio real. Conversa também amiguadas vezes com os camponeses e visita-lhes as quintas com interesse e carinho.

O soberano grego, como os seus ilustres antepassados da velha Grécia, essa Grécia insuperável de há vinte e cinco séculos, é um apaixonado das letras.

Lê imenso, sem descanso, notando-se-lhe preferência pelas obras que digam respeito a questões militares.

A única soberana reinante, a rainha Guilhermina da Holanda, é pintora exímia e transporta-se, como é vulgar no seu país, em bicicleta. As suas telas foram expostas em 1932, merecendo êncómios dos críticos estrangeiros e de renome que visitaram tal exposição.

Também ambos os parceiros do *Pacto de Aço* têm as suas predilecções.

Adolfo Hitler teve, desde menino, a mania da pintura.

Já aos dez anos era castigado por cobrir de cruzes suásticas as paredes da escola que frequentava.

É, porém, um pintor de fracas qualidades. No entanto as suas aquarelas chegam a atingir, em Berlim, claro está, o elevado preço de cento e cinquenta contos.

Também faz as maquetas dos monumentos de que está semeando a capital do Reich, e aos quais, se bem que pesados, não falta uma certa grandiosidade.

Diz-se que presentemente e muito em segredo se dedica à equitação, para que possa aparecer em paradas e festas altamente montado, à semelhança do seu colega italiano e amigo, Mussolini, com quem quer competir.

O Duce gosta, na verdade, dos desportos violentos: andar de moto, nadar, fazer equitação, remar, pilotar o seu trimotor «Savoia».

O ministro dos Estrangeiros, o conde Ciano, segue as pisadas do sógro, e muitos dos seus ócios foram ocupados em conquistar o coração da filha de Mussolini que, com o casamento, lhe trouxe a óptima situação de que hoje disfruta.

Daladier, quando as suas preocupações lho permitem, gosta imenso de se transportar ao ministério da Guerra e daí a sua residência pedalando, como qualquer outro cidadão, pelos *boulevards* parisienses e fumando simultaneamente um cigarro de marca.

Neville Chamberlain é raro dispensar o *week-end*, em que vai para o campo pescar à linha, não lhe faltando a companhia do inseparável tabaco. E diz-se até que as suas maiores dissensões com Hitler são as provocadas pelo péssimo hábito de este praticar os seus grandes golpes ao sábado, o que acarreta a interrupção do fim de semana ao primeiro ministro de Sua Majestade Britânica.



O ex-Kaiser Guilherme II

Aprecia também e muito, o sr. Chamberlain, o *whisky*, e interessa-se sobretudo pelas aves. É do domínio público que há tempos escreveu uma carta ao *Daily Telegraph* para informar este jornal que da sua janela de Downing Street ouvira cantar um tordo nas árvores frondosas de Hyde Park.

Por último, dos soberanos exilados, o rei Zogu é um fumador impenitente e um dancarino apreciado; Afonso XIII passa todos os dias algumas horas jogando o bilhar, em que mostra notável destreza; o ex-kaiser dedica-se aos estudos de arqueologia e a deitar abaixo e a cortar as árvores que rodeiam a sua residência de Doorn; o duque de Windsor, ex-rei Eduardo VIII de Inglaterra, viajante incansável, é cineasta nas viagens e jardineiro quando permanece em alguma das suas propriedades.

E aí ficam, leitor, a traços largos, algumas das distrações dos homens políticos da actualidade.

E, em boa verdade, assim teria de ser porque a vida são dois dias, e isto, mo dizer dum grande pacificador, não deve ir a matar.

Portanto, um bocadinho de tudo... para quebrar a monotonia.

GASPAR DA CRUZ FILIPE.

O Presidente Roosevelt no seu desporto favorito



TAÇA DE PORTUGAL

Associação Académica de Coimbra, 4
Sport Lisboa e Benfica, 3



Em cima, à esquerda: Equipa da Associação Académica vencedora da «Taça de Portugal». — À direita: O sr. ministro da Educação Nacional entrega aos académicos as medalhas comemorativas da «final». — Ao centro, à esquerda: Martins, guarda-redes do Benfica, defende a sóco auxiliado por Francisco Ferreira. — À direita: As duas equipas saudam as entidades oficiais. — Em baixo, à esquerda: O presidente do Benfica entrega ao representante da Académica uma lembrança do desafio. — À esquerda: A equipa do Benfica



A ARTE DE SER HOMEM

TENHO pensado muito naquela frase que me disseste outro dia, sabes? Lembras-te quando eu te disse: «Adeus, meu menino»? Tu respondeste-me, todo empertigado: «Menino não. Já sou um homem... ou quasi».

Isto porque fizeste o mez passado quinze anos.

Como ainda tiveste a prudência de te lembrar do «quasi», reconheces enfim, que se não querias que te considerassem já uma criança, também ainda não eras um homem, vou dizer-te algumas coisas a tal respeito.

És um rapaz inteligente, filho de gente humilde mas honesta. O exemplo de teus pais podia ser suficiente para te dirigir na vida, para livrar-te das más sugestões e de outros exemplos menos dignos de serem seguidos, mas o que é bom nunca é de mais, e para guardarmos alguma coisa da lembrança dos modelos a imitar e dos conselhos salutares, é preciso que eles sejam em grande quantidade, porque pelo caminho sempre se perdem alguns, sacudidos como somos pelo vendaval da vida.

Por isso, que teus pais não me levem a mal que eu venha meter-me nas suas atribuições de teus guias naturais.

E, depois, talvez que o que vou dizer-te aproveite a outros menos afortunados do que tu, que não tiveram pais como os teus ou que já os não têm, e andam na vida como destroços balouçados por correntes diversas, sem ninguém de alma sã que os ponha na boa rota.

Quem tem vergonha não comete acções indignas, quem tem honra nunca falta á sua palavra e quem é leal nunca é ingrato.

Assim dito, há-de parecer-te facil vires a ser um homem.

Mas não é facil, não imagines tal. Há muitos empecilhos que detêm uma pessoa na sua marcha para o bem, e há charizes sedutores, que encobrem muita maldade, que nos desviam da verdadeira meta.

Portanto, é necessário uma grande força de vontade, sem esquecer uma parte importante — a tendência própria para o bem ou para o mal.

Se fôres forte de espirito, se souberes querer e fôres inteligente — e isso és tu — para resistir aos apelos perniciosos e para saber escolher o que te convém, o teu caminho será o de um homem, na plenitude de todos os seus atributos morais.

Se fraquejares, és um homem falhado. Ficas a tal espécie zoológica, e mais nada.

Há homens que pensam que só devem ser honestos e leais com os do seu sexo — de homem para homem.

Quero pôr-te em guarda contra esta má compreensão do carácter masculino.

É justamente com as mulheres que o homem precisa de tôdas as suas qualidades de alma.

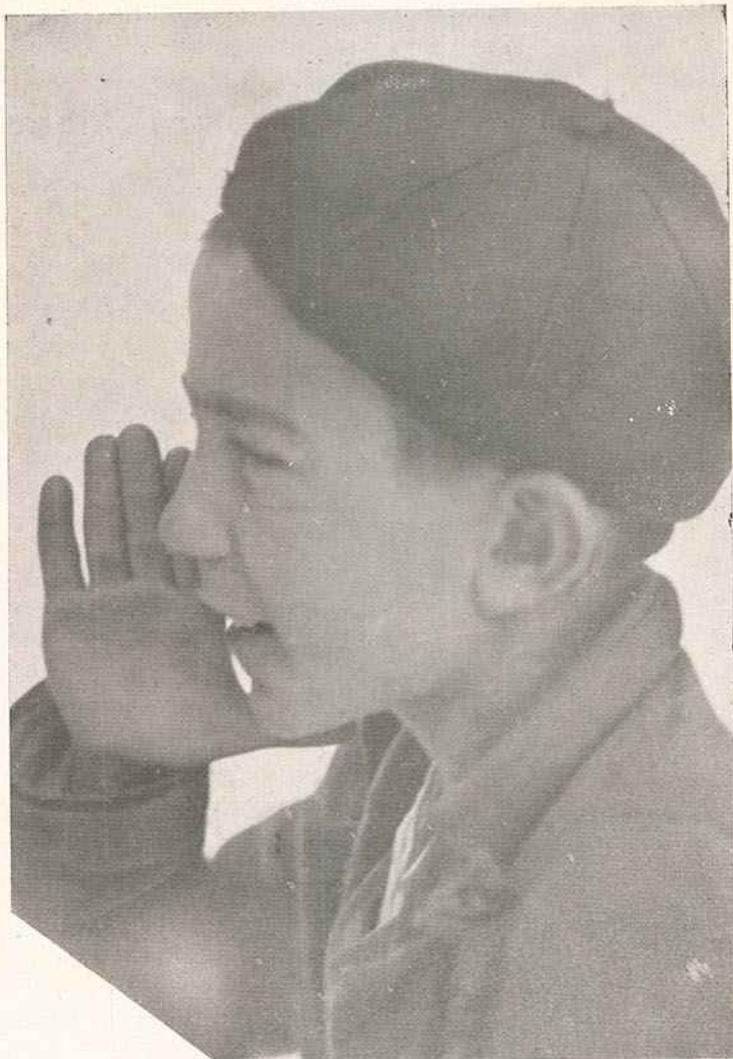
Nunca abuzes da confiança e da credulidade duma mulher.

Nunca vivas encostado á sua sensibilidade, explorando-a nos seus meios pecuniários.

O homem que é mantido por uma mulher é a escória do seu sexo.

Só se admite que a mulher ajude o homem que é seu marido, sem desdouro para êste, se êle foi para ela um amparo que só a fatalidade inutilizou.

Se um dia, por infelicidade tua, tiveres que recorrer á bolsa duma mulher, aceita



isso como um empréstimo — e paga, paga essa divida, antes de tôdas as mais que tiveres.

E nunca sejas ingrato. A ingratidão é uma arma terrivel. A sua ferida é mais profunda do que as feridas do amor.

A-pesar das tuas fanfarrônicas de criança, tu não sabes nada destas coisas.

Mas eu sei, por meu mal, sei até bem de mais.

Já tive desgostos de amor, que depressa passaram.

Duma ingratidão estou sofrendo a chaga, que nunca fechará. A um homem, a quem nada devia, dei a minha assistência moral e material, numa hora má, com grande sacrificio dos meus parcos haveres.

Julgei-o honesto, senti pelo seu infortúnio uma compaixão infinita, e fiz-lhe o que só uma mãe faria.

Logo que se empregou, êsse homem nunca mais me apareceu e nem obrigado me disse pela minha assistência constante e amiga.

Uma ingratidão destas é rara, mas a ingratidão é sempre um mau sentimento, por mínima que seja. É por assim dizer, a pedra de toque da sensibilidade humana.

E, agora, não te gabes mais de que já és um homem, ouviste?

MERCEDES BLASCO.

Tu pensas, como muita gente, que ser homem é usar calças e estar inscrito no registo civil como individuo do sexo masculino.

Sim, isto é ser homem, mas apenas como classificação zoológica: mamifero macho.

Mas isto não basta, meu rapaz, para occupares o teu lugar na sociedade, como homem que a essa sociedade illustrasse e honrasse, em vez de envergonhá-la, como acontece com alguns exemplares da espécie.

Ser homem é uma arte difficil, na qual, infelizmente para os povos nem todos se distinguem.

É uma arte, meu amiguinho, que não depende da habilidade manual.

É tôda feita dos recursos do espirito, uma arte que é tôda alma, tôda sensibilidade.

E tudo isso se pode resumir numa palavra que é a synthese de todos os componentes do cadinho de onde sae integralmente o homem perfeito. E essa palavra, que deve ser o «leit-motiv» de tôdas as combinações entre os homens, chama-se — caracter.

Sem caracter, não é possivel ser homem. Caracter quer dizer honra, lealdade, vergonha.



Napoleão I, Imperador da França

MATEA passava por ser uma das mais formosas raparigas de toda a Toscana. Porém, aos olhos do jovem dragão francês que de longe estivera admirando, como conhecedor e apreciador que era, o seu belo rosto de traços de Madona, os seus bastos e sedosos cabelos penteados em bandós e o seu corpo de linhas perfeitíssimas, ela pareceu a mais formosa rapariga, não só da Toscana, não só de Itália, mas de todo o Mundo!

O garboso dragão, como todo o bom soldado, principiou por falar-lhe na sua admiração pelo Imperador, esse semideus cujo ceptro tinha, como as Varinhas de Condão das fadas, o poder de transformar soldados em marechais e aldeães em duquesas. Falou-lhe na sua



Letícia Ramolino, mãe de Napoleão

admiração pela Imperatriz, essa grande *charmuse* que tinha sempre um sorriso lindo para o soldado que lhe apresentava armas e com a mesma afabilidade acolhia no palácio tanto as antigas aristocratas parentes dos Bourbons, como as modernas, oriundas do povo. Finalmente, falou-lhe na sua admiração por ela...

Com que frases, protestos e miragens o dragão francês seduziu a camponesa florentina é que as memórias do tempo se esqueceram de nos informar. Informam-nos apenas, e aliás muito sucintamente, que Tomaso, voltando a si dos seus belicosos arrebatamentos, procurou a noiva, viu-a, com as faces ruborisadas e o seio arfando de emoção, languidamente apoiada no braço dum dos franceses.

Tomaso caiu das nuvens, mas, julgando, na sua simplicidade, que tudo aquilo não passava duma inocente *conversazione* dirigiu-se à pequena e, com um sorriso, ofereceu-lhe o seu braço.

Porém, Mattea (que já se via com um diadema de brilhantes e de plumas, arrastando a cauda dum vestido de côrte numa das grandes recepções das Tulherias imperiais, ao lado do seu dragão, promovido, pelo menos, a tenente) acolheu sem o menor prazer a chegada do sacristão.

Em vez de aceitar o braço que este último lhe oferecia, continuou o seu passeio, mas, como ele insistisse, deteve-se, e, por cima do ombro, mais altiva e desdenhosa do que uma rainha, com toda a crueldade inconsciente da mulher que não ama, correu-o nestes termos:

— Tomaso, o que anda vós a fazer aqui no pátio? O seu lugar, sabe-o perfeitamente, não é aqui, mas na igreja, na horta, ou na cozinha.

Ande, deixe-me, e vá à sua vida. Olhe que são quasi horas de ir tocar as Avé Marias!

Ao ver-se assim relegado com um traste inútil aos seus sinos, às suas panelas e à sua enxada, Tomaso sentiu o sangue subir-lhe à cabeça e, agarrando Mattea violentamente por um braço, puxou-a para si.

Mas o dragão correu em socorro da sua amada e com um murro atirou Tomaso a uma dezena de passos.

O pobre sacristão foi cair no meio dum grupo de dragões que, divertidíssimos com a cena, desataram as gargalhadas. E, enquanto Tomaso se erguia todo dorido, eles, levantando-se dum salto, correram a cercá-lo numa roda, gritando-lhe entre risinhos de troca:

— Com que então, és tu que tocas aqui os sinos, meu idiota? Não tens vergonha! Tu um rapaz são e perfeito, estás aqui como um velho aleijado a fazeres de sineiro, em lugar de ir servir o Imperador! Talvez aspiras a ser bedel? Grande honra, realmente, ser bedel nesta famosa aldeia!...

Não sejas tólo, rapaz, vem connosco! Dar-te-emos um belo uniforme, um grande sabre e um lindo cavallo. Vem connosco!

Se é aquela pequena que aqui te retem, olha bem para ela — acrescentou

FASTOS NOLEÓNICOS

O suave perfume e espinhos da grandeza

um, apontando para Mattea que, continuava o idílio interrompido — abre os olhos! Ela não te quer para nada! De quem a pequena gosta é do camarada Le Parisien. Vê, lá lhe roubou éle um beijo!

Enquanto estas discussões se travavam, um dragão muito gordo, que já transpuzera a idade das loucuras amorosas, e a quem a cavalgada despertara o apetite verdadeiramente pantagruélico, descobrira a galinha branca e, lembrando-se de que aquela ave assada, mesmo na ponta do sabre, seria um piteu famoso, desatara a perseguir-la.

Bianca adivinhou imediatamente a intenção vilíssima que animava o dragão e procurou furtar-lhe as voltas.

— Mattea — gritou o cura Buonaparte que, atraído pelo borburiño, assomara à janela do seu quarto — volta já para tua casa!

Seu dragão, por amor de Deus, deixe sossegada a pobre Bianca!

Mas nem Mattea, nem o dragão fizeram caso dos gritos do cura. Mattea continuou o seu idílio e o dragão a sua caça. Tomaso, completamente sugestionado, com uma mão já acariciava o pescoço dum cavallo e com a outra já afagava o punho dum sabre.

De subito, o dragão Le Parisien aproximou-se do seu cavallo. Selou-o e montou o com uma rapidez admirável. Depois, tomando nos braços a bela Mattea, colocou-a à garupa, sem que esta oferecesse a minima resistência, e desapareceu com ela.

Precisamente nesse momento Bianca caía nas mãos do seu terrível perseguidor.

— Mattea! Mattea! — gritava o cura apertando as mãos na cabeça — Mattea! Mattea!

Seu dragão não mate a minha Bianca!

Os gritos de desespero do cura foram ouvidos por Tomaso que, arrancando-se à contemplação dos cavalos, e dos sabres, correu em socorro da galinha branca, já que não podia correr no encalço da noiva.

Acto continuo, o cura desceu as escadas e foi ter ao salão com o general. O santo velho estava pálido e desfigurado.

Atinal — raciocinava — a chegada da fortuna e da grandeza só lhe trouxera inquietações e desgostos.

Em geral, assim succede na maioria dos casos. A grandeza é uma rosa, cujo perfume encanta, seduz e perturba. Mas tem os espinhos, como as demais rosas, espinhos que ferem as mãos e até, por vezes, laceram o coração.

O cura Buonaparte tivera num momento a percepção nítida de todas essas grandes verdades e, tanto assim é, que

já um melancólico sorriso de renúncia se lhe espraíava nos lábios ao entrar no salão.

— O que tem, monsenhor, o que tem? — perguntou o general inquieto com a profunda alteração que notava no semblante do tio do imperador. Que desgosto o apouca?

— Monsenhor! Monsenhor! — repreendeu o cura, abanando a cabeça com um sorriso triste. — Não falemos nisto, general. Havia aqui uma rapariga honesta — acrescentou amargamente — e depois da vossa chegada e-la di-soluta e perdida!...

— Dissoluta e perdida? — exclamou o general, verdadeiramente assombrado, pois não dera por nada que se passara no pátio. — Mas quem? Qual rapariga? Explique-se, por favor, senhor cura!

— Mattea, a minha afilhada seduzida por um dos seus dragões acaba de fugir com éle mesmo na minha presença — explicou o pobre cura, deixando-se cair na poltrona.

— Vou tratar imediatamente de saber quem foi o soldado que ousou cometer a traição de raptar a afilhada do tio do seu Imperador e, garanto-lhe sobre a minha honra, senhor cura — afirmou o general, com a maior energia — que, uma vez capturado, será aqui mesmo fuzilado!

E, sem esperar a resposta do cura, abriu a janela e fez sinal ao *brigadier* que subisse.

— Nada de efusão de sangue! — supplicava o santo cura. — Nada de efusão de sangue, por amor de Deus, senhor general! O meu único desejo é que esse homem, se é solteiro e um bom subdito, case com a minha afilhada e a faça feliz!

— E' o que vamos saber — respondeu o general, medindo a sala a passos largos. Se éle não é solteiro, isto é, se não pode reparar tudo com o casamento, vou mandar dar uma batida a todo vale e ao mesmo tempo aprontar o pelotão.

O pobre cura estava mais morto que vivo. Via já o pelotão formado no pátio do presbitério e o dragão de pé encostado à porta da igreja.

Ouvia já o oficial designado para comandar o pelotão pronunciar as fatais palavras: Carregar!... Apontar!... Fogos!...

Via já o infeliz dragão, crivado de balas, cair, ferido de morte, num charco de sangue.

Felizmente para todos, o incidente, que ameaçava acabar em tragédia, terminou em novela.

O dragão Le Parisien esclareceu rapidamente o *brigadier*, de que além de ser solteiro, era um dos soldados que mais se haviam distinguido nas últimas cam-

panhas. Em breve seria promovido e receberia a Legião de Honra.

O caso, por conseguinte, mostrava-se de solução fácil.

— Ha-de casar com ela — repetia o general. — Ha de casar com ela, Senhor Cura!

Um pouco mais sossegado a respeito da sorte de Mattea, o Reverendo Buonaparte corria o pátio com a vista à procura de Bianca. Queria bem perguntar o que era feito da sua galinha, mas não se atrevia. A severidade do general que falara em mandar fuzilar o raptor de Mattea, retinha-o de boca calada. Não iria aquele moço implacável, aliás na intenção de desafrontar o tio do seu Imperador, ordenar que aprontassem o pelotão para o raptor de Bianca? Ora colocar a vida dum homem em perigo por causa dum animal, por muito querido que este fosse, era indiscutivelmente, um crime.

A porta do salão abriu-se e Tomaso deu entrada, trazendo ao colo a galinha. Bianca vinha como morta. Com um desvelo e uma delicadeza infinita, o sacristão abriu-lhe o biquinho e deixou-lhe na guela umas gotas de generoso vinho de Itália. Lentamente, Bianca, com a languidez e os requebros duma menina bonita, voltou a si do seu prolongado desmaio. Ergueu as palpebras azuladas, mostrando os olhinhos redondos. Estentendeu as patas entreciçadas. Levantou a crista e agitou as asas. Estava salva!

Tomaso aproveitou esse instante para apresentar as suas despedidas.

— Senhor Cura, perdi Mattea, é certo, mas os franceses prometeram-me que, se eu quizer, serei um dia capitão, coronel, marechal, nem sei mais quê... Portanto, resolvi alistar-me. Quero ser dragão!

Mais um golpe para o velho cura! Não bastava Mattea tê-lo deixado! Agora era Tomaso que ia abandoná-lo! Que série de provações num só dia! E tudo resultante da chegada da Fortuna e da Grandeza!

— Agradeço muito ao Imperador, meu sobrinho — respondeu ao cabo de alguns instantes, voltando-se para o general — mas prefiro permanecer cura desta pobre aldeia onde, durante tantos anos, conheci a paz e a felicidade, a, como bispo, ou como cardinal, lançar-me no agitado balé das grandezas!

Hesitei um momento e, vêja! — acrescentou tristemente — Deus castigou-me!

Diga a Letícia que espero que ela tenha conservado a consciência pura de quando era menina. Que abraçe por mim o meu sobrinho Napoleãozinho. O Senhor os conserve nos seus tronos. São uns corações de ouro! Lembrem-se, depois de tantos anos de separação, dum tio velho!

Não, não quero nem mitras episcopais, nem sotanas cardinalícias!

Vá-se embora, Senhor General, vá-se embora, e, se respeita a vontade do tio Imperador, não volte mais!

Debalde o general, a quem Napoleão ordenara terminantemente que conduzisse o cura Buonaparte junto do papa em Roma, ou o trouxesse consigo



Uma grande recepção nas Tulherias

para Paris, empregou os maiores esforços para o convencer.

Pediu, supplicou, ameaçou quasi. Tudo foi inútil. O cura permaneceu inflexível, e o general teve que se resignar a abandonar a aldeia.

E Mattea? E Tomaso?

Mattea casou com o seu dragão e (mais um prodígio operado pelo ceptro desse grande mago que era o Imperador) decorridos poucos anos, achava-se mulher dum coronel.

Tomaso alistou-se e, de tal forma se distinguiu sob as bandeiras do Imperador, que à data da Restauração, era capitão da Guarda Imperial.

O cura Buonaparte morreu antes da derrocada de 1814, sem nunca se ter arrependido da sua resolução.

Ao menos acabou tranquilo e não torturado e amargurado como Napoleão no rochedo de Santa Helena, como Letícia Ramolino no palácio Ranuccini e como o duque de Reichstadt na prisão dourada de Schoenbrunn.

EUNICE PAULA



A «Legião de Honras» do Primeiro Império

A VIAGEM PRESIDENCIAL ÀS COLÓNIAS



A multidão assistindo ao embarque do Chefe do Estado no Terreiro do Paço. — Ao centro: O sr. Presidente da República despedindo-se do sr. Presidente do Conselho



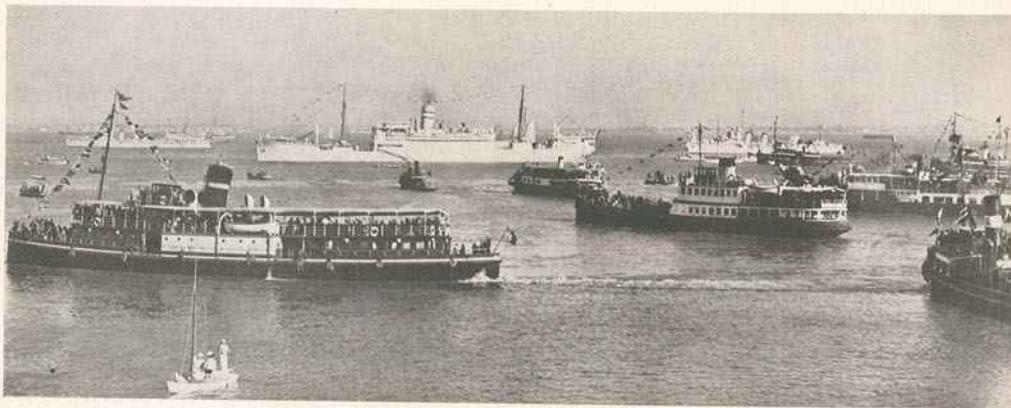
A entrada do Chefe do Estado, acompanhado pelo Governo, no Terreiro do Paço, dirigindo-se para o Cais das Colunas, a fim de embarcar para a sua viagem ao Ultramar

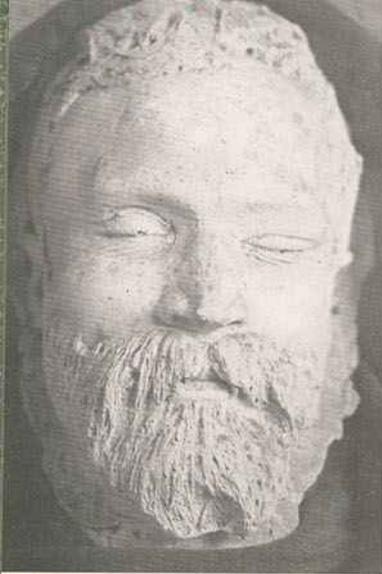


O sr. Presidente da República, com os srs. Presidente do Conselho e Ministro da Marinha, chegando à Praça do Comércio. — A' direita: O Chefe do Estado despedindo-se do sr. Cardeal Patriarca. — Ao centro: A família do sr. Presidente da República no momento da partida. — Em baixo: O «Colonial», em frente ao Cais das Colunas, momentos antes da viagem presidencial



O sr. dr. Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição do Mundo Português, despedindo-se do Chefe do Estado. — A' direita: Momentos antes do embarque. — Em baixo: Os alunos dos Fuzis do Exército e do Colégio Militar na guarda de honra ao Chefe do Estado por ocasião do seu embarque para a visita às novas Colónias





Mascara mortuária de Soares dos Reis

As provas do concurso para professor da Academia são sobejamente conhecidas e uma delas até foi bastante divulgada, com reproduções em géssos que se toparam em todas as oficinas dos artistas. O *Narciso* é uma prova mestra de executante, uma *academia* impecável, como convinha num exame de possibilidades práticas e técnicas; a *Morte de Adónis*, lição de composição e de interpretação em baixo-relevo, é considerada uma obra-prima. Dos seus relevos executados naquela mesma Escola para o concurso de pensionista, até este, vai uma distância que noutros casos poderia ser dum século. E o busto do seu amigo *Marques de Oliveira*, executado no mesmo ano como recordação daquela vitória, na sua simplicidade de forma, deve ser contado entre os melho-



Soares dos Reis no leito mortuário — desenho de Almeida e Silva

res retratos do Mestre. O pintor retribuiu este retrato com um do estatário, existente agora no Museu do Porto; e dum outro em que Soares dos Reis figurava modelando a *Flor Agreste*, ignorava-se o paradeiro, se a má sorte o não destruiu.

Em 1881 marca-se um terceiro ponto importante na vida de Soares dos Reis, tendo sido o segundo no ano do seu regresso a Portugal. Pequenos foram estes ciclos, porque curta foi a existência do Mestre, e além disso, pelo génio, ele multiplicava o tempo indisciplinadamente.

Nestas alturas multiplicou-se-lhe o número de inimigos e de invejosos, mas também aumentou o rol dos seus admiradores. Seria injustiça esquecer meio cento de portugueses que se lhe ligaram pelo coração, pobres e abastados que se deslumbravam perante as suas vitórias, nesta terra triste de sete milhões de distraídos, dos quais se destacaram meio milhar de maraus e de curiosos que foram anos depois ao seu enterro, fingindo os tratantes de dedicados, e inventando-se a mais ignominiosa versão em redor do seu suicídio, para se esconderem as versões únicas com que se poderiam acusar os criminosos.

A trágica farsa da vida e da morte dos grandes *desterrados* portugueses!... Esta não a perscrutou Unamuno quando quis analisar «un pueblo suicida!»...

Deste ano em diante a emancipação do Artista começa de se acentuar, pouco a pouco, grão a grão, pertinazmente, mas com dificuldades — dificuldades do meio e dificuldades da educação, — até chegar ao «busto da inglesa *Mistress Leech*», modelado em Lisboa, onde esta senhora habitava e que nunca o reclamou por não se julgar parecida naquele formidável mármore, heráldico de porte e por assim dizer, simbólico, pois o Artista não só realizou uma obra prima, retratando-a com uma nobreza que lhe faltava — o modelo tinha o pescoço curto, os ombros direitos e era mamalhuda, dizem, — mas também criou a mais heróica imagem da Inglaterra, egoísta, sonhadora, maravilhosa e impassível. Esta obra nunca foi igualada em valor por nenhuma outra portuguesa, e bem mais alto iria, se Soares dos Reis não andasse quando o executou, esbrazeado, esbranzeado, quase delirante, numa grande agitação mental, com alternativas de forte depressão moral e física, que se adivinham no cinzelado da obra, e que haviam de o atrair a terra tão tragicamente e tão depressa. Nesta obra executada em 1888, o Artista excedeu-se a si próprio, e criou a beleza aumentada do tipo duma imagem. Idealizou a realidade, purificando-a dos pecados vulgares. Deixou-a. Esta obra ex-

Ultimos apontamentos sobre Soares dos Reis

“Um desterrado que acabou em naufrago”

plica, em parte, o seu suicídio: — a vida era mais feia do que ele a via e queria.

Soares dos Reis foi um idealista com a alma presa à terra a querer voar para o infinito. A verdade assombrava-o, mas também o assustava. Sem grande cultura, foi um agitador de idéias, um propagandista das comoções. A Arte era a única arma que sabia manejar para essas revoluções. Com 35 anos de idade, em 1882, fez um «Projecto e um regulamento do ensino de escultura» na sua escola, que nenhum colega atingiu, e portanto, foi torpemente interpretada. Questionou com todos, ralhou-lhes, quis erguê-los até si, mas foi forçado a abandoná-los. Voltou-se para novos caminhos, servindo-se doutros meios. Sempre pronto a dar um conselho ou uma lição, exaltando-se com todos os assuntos artísticos, estudando planos de estudo activo e da máxima liberdade, sacrificando o tempo, os interesses e a saúde, foi um verdadeiro apóstolo do Ideal. Iniciou a largueza da atmosfera — ainda que deficiente sempre — em que os artistas hoje vivem, desbravou terreno para o futuro, criou escolas livres na sua própria casa e no Centro Artístico, fundou sociedades de bem profissional, abriu exposições, comprava e protegia os colegas e os discípulos mais pobres, entusiasmava-os com o seu exemplo de sacrifício e constância, procurava-lhes trabalho, tirava o pão da boca para que não desanimassem à mingua dele e quando lhe faltavam as forças físicas para os socorrer, mandava-lhes a coragem moral em pequenos obsequios que os estimulavam à luta, convencido duma igualdade que só na hora derradeira viu não existir. Foi um hiper-esteta que sossobrou por não poder realizar a forma com o sentimento na arte, talqualmente como na vida. Incompreendido, naufragou amargurado. António Arroyo disse que fora ele «um *desterrado* que acabou em *naufrago*», referindo-se ao croquis duma estátua que levou no coração.

Homem do povo, idealista e generoso, era republicano sem ser político. Amando a liberdade — pois se ele era artista acima de tudo! — penetrou no além a conquistá-la. Sim, sim! porque na terra, entre feras, ela não passa dum terrado sonho!...

Os grandes artistas são, no geral, grandes egoístas. Vivendo intensamente para o seu sonho e para a realização da sua sorte, to-nam-se indiferentes a tudo mais, desprezando até quanto em seu redor vive, goza ou sofre, em paralelo com a sua obra. Pelos próprios auxiliares têm

descuidos que chegam à deshumanidade de os esquecer, quando não de os prejudicar. É tal o egoísmo em que se fecham, só absorvidos pelo ideal exclusivo, que quasi não podem admirar o que é criado pelo génio e pelas mãos alheias. Raro é o artista que respeita o semelhante. Vão aos museus estudar, mas julgam sempre ir ali para constatar com as provas dos outros, a própria razão. São individualistas até à crueldade. Alguns há que se podem classificar de monstros deshumanos, pela indiferença que têm pelo mundo restante, ao ponto de o detestarem.

É esta uma das grandes causas da antipatia ou incompreensão estranhas em que os génios vivem, sendo até perseguidos, em natural reacção dos desprezados, com as mais inconscientes acusações.

Ora Soares dos Reis foi um grande, um enorme artista, que fugindo à regra dos seus iguais em mérito, não era egoísta nem maldoso. Sofreu mesmo demais com a desgraça dos outros. Em seu benefício foi até ao sacrifício. Não tendo fortuna, não tendo razões para optimismos, tirava o pão da própria boca para o oferecer, comprando trabalhos aos colegas, que admirava e considerava necessitados; protegia os mais novos e confortava os mais fracos; não tendo abundâncias de felicidade, consolava os que julgava mais infelizes que ele; e não querendo violentar os outros aos seus infortúnios, fugia-lhes muitas vezes, indo esconder para longes sítios a falta de coragem que lhe marcava a face, entristava os olhos e irritava os nervos.

No entanto, o bom, o generoso e indulgente, o amoroso e honrado, para não assistir mais tarde à desgraça que perseguia aqueles que consigo privavam e ele muito amava, por culpa da sua própria desgraça, foi num desvario de fraqueza o maior egoísta de todos, dando um tiro nos miolos, sem prever o mal que com o seu mal causaria. O seu egoísmo de doente não soube remediar pelo amor, as culpas em que duas crianças e uma senhora inocentes caíram, chamuscadas pelo fumo dum revólver.

Soares dos Reis, contudo, como o bom Corot, que como ele começou na aprendizagem forçada do negócio para que não tinha qualquer vocação, foi um bom. Amar e ser grande era o seu fim. Conseguiu o, com a graça de Deus, mas quando julgou não poder com o peso desse amor e dessa grandeza, teve um gesto de egoísmo — o único que se lhe conhece — e ensombrou a luz da bondade.

Diverso e por vezes disperso, Soares dos Reis nem sempre era um analista

da sua obra. Agia por temperamento, por emoção, como um grande intuitivo cujas labaredas do génio tomavam as direcções caprichosas do vento que o destino escolhia. O seu talento, a sua sensação estética, expandiram-se até certa altura, numa inconsciente escrividão aos classicismos Italianos. Honesto sempre, era como uma vaga, ora encapelada, ora mansa, umas vezes ameaçadora de altura e outras vezes humilde de doçura. Decorativo, hierático, minucioso no pormenorizar das formas, era bem um clássico por educação. No entanto, como era um sentimental, comovido e bondoso, o seu temperamento arrastava-o para o naturalismo, cujas primeiras provas havia dado com os bustos dos burgueses tripeiros e com a estátua assombrosa do Conde de Ferreira. Entre a forma e a expressão houve uma batalha. Conta António Arroyo, que «num dos acessos de irascibilidade que lhe eram habituais», se enfurecera um dia contra um crítico que invertiera o título da estátua *O artista na infância*, chamando-lhe a *Infância da arte*. Não gostava de símbolos, de abstraccionismos, de realidades subjectivas. O sentido das realidades levava-o a comover-se fortemente na contemplação do natural, sonhando com a produção da *arte viva*, humanizada, de intensa expressão real. E é assim que apoiado agora nos hono-



Busto de Pontes Pereira de Melo — última obra de Soares dos Reis

rários certos do seu lugar de professor, os quais lhe garantiam o equilíbrio material da existência, cansado de transigências pequeninas com as sugestões alheias, como as dos medalhões decorativos para a escadaria da Bolsa, do Porto, representando o *Comércio* e a *Indústria*, modela o majestoso busto do *Corregedor Almada e Mendonça*, amplo de formas como um Vitélius, e admirável de verdade, que à entrada do Cemitério do Prado do Repouso lembra um forte e bonacheirão burguês a tomar sol à porta daquele Campo Santo.

A figurita frágil e enternecida do *Abandonado* é um ensaio, mas de plasticização dum sentimento íntimo, que quis transfigurar no corpo duma criança com jeitos realistas. É de notar que, desde o «Desterrado» e através de vários esboços e realizações mais desenvolvidas, o problema da sua alma desamparada e do seu espírito marcado de pessimismo, aparece com frequência. Esta figurita é mais uma imagem do seu doente desconsólo. A obra máxima, porém, deste ano de 1885, é o busto extraordinário de naturalismo, da *Viscondessa de Moser*, que em toda a sua prodigiosa galeria de retratos, é talvez o mais fiel de transmissão, o mais impecável de verdade plástica, o mais vivo. Outros retratos que lhe seguem — o de *Hinze Ribeiro*, de *Correia de Barros* e o da formosa *Emília das Neves*, onde se adivinha já a altitude atingida depois com o busto de *Mrs. Leech* —, não ultrapassaram aquele na transfiguração dum corpo humano para um corpo eterno de arte pura.

O Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, é o detentor desta obra-prima, a par da primeira e da penúltima obras deste Mestre da escultura portuguesa do século XIX.



Estátua de Afonso Henriques, por Soares dos Reis e que se encontra em Guimarães

A LTA noite, regressava êle a casa, pelas ruas desertas e escuras do seu bairro, tropeçou com um individuo de cara facinorosa. Apalpou-se em seguida. Faltava-lhe o relógio. Correu logo atrás do gatuno, agarrou-o, bateu-lhe — e assim recuperou o que o outro lhe roubara.

Chegado a casa — contou a proesa á mulher. Mas esta, com um gesto, mostrou-lhe o relógio de que êle se tinha esquecido sôbre a mesinha de cabeceira...



parentes afastados da defunta intentam um processo para obter a sua anulação.

O abade nomeia, para defeza da causa, um notável advogado que ganha o processo, apresentando, em seguida, uma conta de honorários de 100.000 francos. O abade envia-lhe o dinheiro acompanhado de um cartão de visita com êstes dizeres:

«Ao meu co-herdeiro...»

A dona da casa:

— Olhe lá, ó Mariana, que vem cá fazer todos os dias aquele guarda republicano?

A criada:

— Ó minha senhora!... Vem ver se cumpro com as minhas obrigações.

— Que tem o teu marido? Ha muito tempo já que não o vejo!

— Está doente.

— Coitado! E é doença grave?

— Assim, assim: não poderá sair antes de dois anos e meio.

— Mas como sabes isso com tanta antecedência? Foi o médico quem o disse?

— Não... Foi o juiz.

— Maria! dê-me outra faca. A que pôz na meza está suja.

— Ora essa, minha senhora! Está até bem limpa... Ainda há bocado cortei o sabão com ela.

Desesperado pela traição da noiva, um judeu enamorado resolveu enforcar-se. Felizmente que o criado chegou a tempo de o salvar.

No fim do mês, ao fazer-lhe as contas, esclarece:

— Desconto-lhe no ordenado o preço da corda. Era uma corda nova, cujo nó poderia ter desfeito em vez de a cortar, inutilizando a...

Numa exposição de pintura.

O comerciante para o amigo:

— Quanto custa êsse quadro?

— Não sei.

— Então para que estás tu a olhar para um quadro de que não sabes o preço?

se tivesse o mundo inteiro nos braços...

— Maneira delicada de insinuar que estás uma bola.

— Por onde tens andado? Não te vejo desde o Carnaval?

— Estive na prisão, onde passei cinco dias divertidíssimos.

— Na prisão?

— Sim. Saía eu dum baile, mascarado de penitenciário. A policia tomou-me por um assassino que se evadira naquela noite. E eu, está claro, fiquei muito calado. Agora imagina tu a cara do director da prisão, quando, ao fim de cinco dias, deu pelo engano! Foi de morrer a rir!

— Uma novidade! O Aurélio, deixou de embriagar-se.

— Palavra?!

— Palavra de honra! Porque, quando estava embriagado, via duas sogras.

O Pereira: — Porque está você na estação já tão cedo? Só tem combóio daqui a duas horas!

O Bastos: — É que, sabe você, nunca me posso lembrar de todas as cousas de que me esqueci, enquanto não chego á estação, por isso quero ter bastante tempo para voltar atrás a buscá-las.

— Muito bem. Muito bem. Teve muito bom gôsto. Veio mascarado de pachá.

— Qual pachá, minha senhora! Isto não é um turbante, é uma ligadura. Parti ontem a cabeça num passeio de automóvel...

Entre médicos:

— Êle morreu, mas só depois da pneumonia de que eu o curei.

— Antes assim! Ao menos morreu curado!

Uma senhora com sessenta anos magnificamente conservados, pergunta a um antigo conhecido.

— Como, meu caro amigo? Será possível? Realmente não me reconhece?

O amigo: — Desculpe, minha senhora, mas envelheci tanto nestes últimos tempos...

Entre namorados:

Êle: — Conteí á minha irmã que tu tinhas o retrato e prometi-lhe que lhe darias um.

Ela: — Os meus retratos não saem de casa.

Êle: — É pena. Eu affiançara á minha irmã que ficaras agora muito mais bonita do que ha um ano.

Ela: — Também para que quero eu os retratos? Para os meter na gaveta? Já agora sempre mando um á tua irmã...

— O Júlio, quando dansava ontem comigo, disse-me que para êle era como



O transeunte: — Oh homenzinho porque é que você leva assim o braço no ar mais o seu companheiro?

O operário de trás para o da frente: — E' verdade, ó João, olha que agora é que eu reparo que «a gentes não leva nada ás costas!»

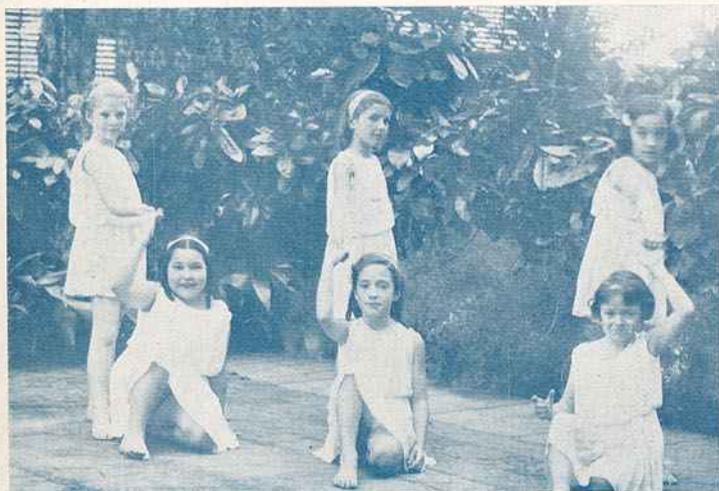
ACTUALIDADES DA QUINZENA



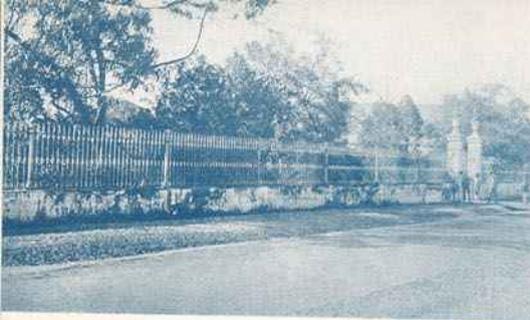
Sessão solene na carreira de tiro do Ateneu Comercial de Lisboa em homenagem à memória do dr. António Martins. A gravura acima mostra o filho mais novo do saudável homenageado lendo o seu discurso perante o sr. Ministro da Educação Nacional que presidiu à sessão. *A' direita*: — O descerramento da lápida



Na Trafaria, foi prestada homenagem ao presidente da Câmara de Almada, sendo, nessa altura, entregues mais quatro casas a pescadores pobres de Caparica. — As gravuras mostram a comissão com os pescadores a quem foram entregues as casas, e um trecho da assistência à festa



Encantador grupo de pequeninas bailarinas que se exibiu na festa «Duas horas de ritmo» na Estufa Fria do Parque Eduardo VII. *A' direita*: — O chefe do Estado com o sr. Ministro da Educação Nacional, dr. Caeiro da Mata e várias entidades oficiais no Observatório Infante D. Luiz



Um dos mais aprazíveis passeios de Serpa

cerrar nos seus cárceres.

Há século e meio... Trepo um escadório, que conduz a um Adro. Penetro na igreja, em que se preparam cerimónias religiosas.

E a vista, ainda perturbada, mal dá conta da arquitectura do Templo, primitivamente gótica. Ficará para outra vez...

— Como se chama? pergunto a um rapazinho, que brinca no portal.

— É a Igreja de Santa Maria. Quero oferecer alguma coisa ao cicerone, mas êle recusa, observando:

— Dinheiro? Mas deixe lá: eu não preciso...

Este tem alma de verdadeiro alentejano!

A um dos lados do Adro, há uma Torre do Relógio, encantadora na sua vultozetez de séculos, com a sua portinha de entrada, encimada por uma lápide — uma daquelas lápides de que o Conde de Ficalho procurava obter decalques, quando o surpreendeu a doença e a morte.

E de novo se me representa o escritor ilustre, arqueólogo por amor da sua terra, auscultando o coração do povoado, procurando no passado o latejar fremente da sua vida heróica.

Contemplo o Palácio, próximo; sinto o Conde subir os lanços da grande escadaria, pisar o vasto salão ladrilhado da biblioteca, onde vai escrever...

Mas em vão procuro, ao menos, num

Vista de parte das muralhas e do Aqueaduto de Serpa



VIAGENS N NOSSA TERRA

A VILA DE SERPA NO BAIXO ALENTEJO

simples cunhal, algumas letras que, gramamente, memorem o seu nome!

Vou divagando, até que, às portas de Beja, o esplendoroso espectáculo da plúria, batida agora em cheio pelo sol, inundada de luz, me arranca a penosas reflexões.

Volto a internar-me na vila. E paro em frente duma arruinada igreja — a da antiga Misericórdia — onde se instalou um Teatro Tália. Melhor seria assim, que deixá-la cair de todo...

Tem uma porta ogival, que se me afigurou preciosa. E, pegada, uma casa de janelas Renasçença. Do outro lado, uma sacada, com varões de ferro do século XVII.

Decerto, que em Serpa, há edifícios com restos arquitectónicos que valeria a pena conservar...

Subo, para nascente, uma das ruínas que vão bater no caminho de passagem, ao longo da muralha; e a curiosidade leva-me a percorrer outras — que são bastantes as que se parecem com as que no arrabalde ontem vi, com habitações de rés-do-chão, térreas ou pavimentadas a baldosa, já gasta.

Quasi todas, só com uma salinha á frente e uma alcova, além da cozinha! Raras as que têm, a mais, um portal, abrindo para um pateoito, adornado com vasos de flores...

As paredes são de adóbe, com ou sem feiras de tijolo.

Mas tudo tão caído!

Ontem, sábado de Aleluia, vendo tantas mulheres a branquear as fachadas dos seus túrgios, julguei que era um zelo excepcional — para receber, pascalmente, a visita do Senhor...

Dizem-me que não; que todas as semanas — porque não pode ser todos os dias — estas boas mulheres do povo se entregam a esta tarefa, com o mesmo frenesi com que as holandezas lavam, de continuo, as casas, e fazem rebrilhar os metais.

Aqui anda ainda uma vestida de preto, e o lindo rôsto cingido no lenço de reбуço, empunhando a sua comprida cana entrapada e com o seu caldeiro de leite de cal, dando os ultimos retoques no beiral do telhado.

Vou andando, e volto á Cruz Nova. A visão intermínua da paisagem traz-me sugestões longínquas da História.

Afonso Henriques, a chamado de Ahmed Ibn-Cassi, que se revoltára contra os Almorávides, corre os campos de Beja, entra em Serpa com o seu aliado, e, passando os vãos do Guadiana, invade as terras de Mérida... Estamos em 1145.

A Ibn-Cassi já lhe pesa, porém, o pedido que fizera ao Rei — ao Senhor de Coimbra, como seria designado — porque se sente subjugado pelo seu valor e império, e pensar á talvez que melhor será perder batalhas com muçulmanos do que ganhá-las com portugueses.

Dizem escritores árabes que o revoltoso wali se portava como um servo que movia as suas pestanas pelas insinuações do outro — o que significa claramente que mal se atrevia a levantar os olhos perante Afonso Henriques.

De grande desafogo lhe foi, pois a, despedida, em que abundaram os bons presentes de armas e de cavalos á coorte de quem já temia por Conquistador.

Mas o Rei não esqueceria mais as traças que a imaginando sobre aquêle Alentejo sarraceno nem a fraqueza das muralhas de Serpa; e, vinte anos depois, havia de voltar, e nelas flutuar, o seu balsão de guerra.

Perdida a povoação em 1242, não tardou o regresso ao domínio de Portugal, resgatada pelos esforços de D. Paio Peres Correia e de D. Sancho II, e desde então se conservou sempre nê.

Conta a tradição que, antes, D. Afonso, II, o Gôrdo, travou aqui uma batalha com os moiros, junto ao mosteiro de S. Gens, onde hoje é a ermida de Guadalupe. Logo que os portugueses a venceram, deram conta de que o rei havia desaparecido, e procurando-o aterrorizados, por toda a parte, foram en-

Vista parcial de Serpa. Ao centro, a Torre de Alentejo; á esquerda, a Igreja de Santa Maria e a Torre do Relógio.



contrá-lo deitado por terra, como morto, ao pé do seu cavalo. Despiram-lhe as armas, felizmente a tempo de não sufocar de todo, pois a sua gordura, com o calor, o puzera em risco de morte.

E, ao acordar do leirargo, dando graças a Deus, ordenou nou se levantasse, no chão em que caíra, uma cruz que lembrassem o triunfo e aquêles que haviam tombado para sempre, em cumprimento do seu dever de cristãos e patriotas.

Essa cruz de madeira primitiva foi substituída por outra de pedra, por determinação de D. Diniz: — é a Cruz Nova!

Encontro, num recinto fechado, o Jardim Público.

A entrada engalana-se de jasmineiros. Os muros são acompanhados de miosporos.

Buxos, talhados piramidalmente, loendros, lilazes, roseiras, lírios. Alguns talhões de craveiros, de margaridas, de amores perfeitos, bordados de boninas.

Um marco fontenário goteja... E tudo diz, neste abandono, em Maio, no mês das flores, a falta de água.

De revestimento florestal, noto palmeiras, eucaliptos, austrálias, robinias, cedros do Buçaco, pinheiros de Alepo, olmos, lílias, olaias, acácias — mas de cada essência duas ou três árvores apenas, sem formar espessura, dispersas aqui e além, como só para demonstrar que nesta parte do Alentejo a incúria é que dá lugar á falta de árvores de benéfica sombra.

Passa um rancho de cantadores. Pergunto quem são, e respondem-me que são britadores de pedra, lá do Norte — galégo.

E como só os oíço falar português, e bom português da Beira, não posso deixar de sorrir, compreendendo que, em Serpa, também eu sou galégo...

Isto deve vir desde a Reconquista, em que se chamaria aos portugueses do Norte, que levaram os domínios do Sul a fio de espada, galégo — por saber-se que da terra calaica, que se estendia até ao Douro, partiria o primeiro impulso da empresa guerreira que talhou o reino de Portugal no solo da Península.

Este apelido racial será, pois, um grande nome, e quererá dizer, em Serpa — ilustre, heróico e vitorioso!

Ergo a cabeça com fidalga ufania, atravesso um largo, plantado de pimentas, e entro na Rua dos Lagares.

Como é ainda cedo para o almoço, continuo o passeio.

Um companheiro de Coimbra dá de cara comigo. Não o vi há trinta anos, mas logo o reconheço!

Mas fala-me, como se nos houvésemos despedido na véspera:

— Como estás tu?

E segue...

Estes bons alentejanos! não há gente mais simples, mais singelamente afectiva, creiam.

Ah! podemos vir sossegadamente por aqui, bem seguros de que ninguém nos importunará: quando muito, algum velho camarada da Universidade ou das tertúlias dos cafés lisboetas nos embargará um instante o passo:

— Olá, rapaz, por aqui?

E, restituído ao torrão natal, sob a pressão da latitude, ganho por ancestrais hábitos de concentração e silêncio, seja qual for o nosso alvoroço, emudecerá, e permutados os cumprimentos, correrá para casa — a aborrecer-se sozinho.

Não julguem estes bons alentejanos pouco hospitaleiros, não; o que são é amorosos de paz, de recolhimento.

Ao forasteiro ninguém é inquieto; pobre ou rico, ilustre ou obscuro, ninguém o perseguirá com atenções que o matem: pode gozar o descanso.

Os alentejanos o que não querem é ser importunos. Julgam-se por si próprios...

Assim, esta Serpa é uma deliciosa mansão para escritores e artistas, a quem a recomendo: aqui poderão trabalhar á vontade; ninguém se meterá com êles.

Entro pelos trigais, em direcção a uma ermida, que alveja na verdura. É a ermida de S. Pedro, redução rústica do tipo de S. Braz de Évora, com botareus cilíndricos e corcheus cônicos, que tomou raiz por estes sitios em fins do século XV.

Deste ponto, o povoado oferece um trecho de variada expressão, que se fixa na retina intensamente. Perto, a estria branca da estrada, á borda da qual ondulam as messes; em seguida, muros de adóbe abrigando um pomar, em que se sente rumar a água, regando; noutra plano, o casario, físcante de caio, projectando se nos sombrios lanços da fortaleza; e, enfim, recortada no fundo da perspectiva, a decoração rítmica da arcada italiana dum aqueaduto, a principio assente na bruteza da muralha, e librando-se depois no horizonte opalino, como um vôo de sonho que procura o azul dos céus!

LOPES D'OLIVEIRA

A VISITA DE MILLAN ASTRAY



Millan Astray condecorando o alferes Coelho da Rocha. — À direita: Millan Astray com o Embaixador da Espanha na sua chegada à sede da União dos Inválidos da Guerra onde se realizou uma sessão solene. Discursaram o coronel Campos Rego, o embaixador de Espanha e Millan Astray



Ao centro, à esquerda: Millan Astray dirigindo uma alocução aos «Viriatos». — À direita: Millan Astray na Casa de Espanha durante a execução do hino da «Legião Estrangeira». Em baixo: Millan Astray e o Embaixador de Espanha (ao centro) ladeados pelos oficiais que assistiram ao almoço oferecido pelo chefe da Missão Militar Portuguesa ao heróico general espanhol

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Realizou-se em Londres, na Igreja de Little Horsted, um casamento que une duas famílias inglesas muito estimadas e conhecidas em Lisboa; a noiva, Miss Mónica Mary Eileen Leta Pope é filha do tenente-coronel W. G. T. Pope que foi administrador geral da Companhia dos Telefones e que é uma das mais queridas e representativas figuras da Colónia Inglesa em Lisboa; o noivo, Mr. George Ian Rankin é filho de Mr. Cunison Deans Ranking de Wimbledon que há longos anos vive também em Portugal.

Celebrou a cerimónia religiosa o rev.º padre Powel, primo da noiva.

A noiva vestia uma linda toilette de brocado dourado e um véu antigo de família em renda Limerick; a cabeça ornamentada com rosas douradas iguais às do ramo completava um conjunto de alto bom gosto. Mrs. W. G. T. Pope, sua mãe, vestia azul escuro com uma grinalda de orquídeas. Mrs. Rankin tinha uma toilette preta com grinalda de cravos.

Após a cerimónia que foi cantada e durante a qual se executaram trechos de Bach, Gaul e Mendelssohn, foi servido um copo de água na residência do rev.º Powell. Os noivos seguiram em viagem de lua de mel pelo Continente Europeu donde virão fixar residência entre nós.

— Na capela particular do palacete da senhora D. Cecília Van-zeler de Castro Pereira, realizou-se o casamento de sua neta, sr.ª D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, com o sr. Jorge de Melo e Faro (Monte Real).

Serviram de madrinhas da noiva, suas tias, senhoras D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha e D. Maria do Carmo de Castro Pereira do Casal Ribeiro de Carvalho, e de padrinhos do noivo os srs. Henrique de Araujo Sommer e D. Diogo de Vilhena Maldonado Pezanha, respectivamente tio e cunhado do noivo.



Casamento da sr.ª D. Alice Cancela Infante de La Cerda com o sr. Alexandre José Pinto Basto Ribeiro da Cunha, conforme notícia publicada no nosso último número (Foto, Moreira)

Aos noivos foram oferecidas ricas e valiosas prendas.

Depois da cerimónia religiosa foi servido aos numerosos convidados um fino lanche.

— Na capela de Nossa Senhora do Monserate, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José das Dores Maier de Moraes Palmeiro (Regaleira), com o sr. engenheiro-agrônomo Manuel Fusquini Perfeito de Magalhães e Menezes de Vilas Boas. Serviram de madrinhas da noiva, sua tia a sr.ª condessa de Cartaxo e sua cunhada a sr.ª D. Ana Maria Vilar da Costa Lima de Moraes Palmeiro (Regaleira) e de padrinhos do noivo, seu pai e irmão, srs. Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas-Boas e Augusto Fusquini Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas-Boas.

Finda a cerimónia religiosa, a que assistiu grande número de parentes e pessoas amigas, foi servido um fino lanche, em casa das irmãs da noiva.

Os noivos partiram para S. João do Estoril a passar a lua de mel, tendo-lhes sido oferecido grande número de valiosas e lindas prendas.

Na capela da Quinta de Santa Ana da Guerreira, da casa Vale, realizou-se o casamento da sr.ª D. Mariana Rita do Vale e Sousa de Meneres, gentilíssima filha da sr.ª D. Ana Saraiva do Vale e Sousa de Meneres e do sr. D. João do Vale e Sousa de Meneres, com o sr. D. Duarte de Castro, filho dos srs. condes de Nova-Góia.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, as senhoras condessa de Penha Garcia, irmã do noivo e D. Ermelinda Saraiva Carlos Alves, tia da noiva, e parte do noivo, os srs. condes de Nova-Góia, irmão do noivo, e engenheiro João Carlos Alves, tio da noiva.

Foi celebrante o reverendo D. João Filipe de Castro, irmão do noivo, que proferiu uma brilhante alocução ao acto.

Finda a cerimónia foi servido nos jardins da casa Vale, um fino lanche aos numerosos convidados, durante o qual se fez ouvir uma banda de música.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

Os noivos partiram para o Estoril, a passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Beatriz Gomes da Fonseca, gentil filha da sr.ª D. Bernardino Gomes da Fonseca e do sr. José Gomes da Fonseca, já falecido com o sr. engenheiro Francisco Gonçalves Cavaleiro Ferreira, filho da sr.ª D. Carolina Cavaleiro Ferreira Gonçalves e do sr. coronel médico dr. António Gonçalves. Serviram de padrinhos da noiva, a sr.ª D. Alda Silva de Azevedo Lima e o sr. dr. Guilherme de Azevedo Lima e do noivo, seus pais.

Sua Santidade dignou-se enviar a Sua Bênção aos noivos, a quem foram oferecidas muitas prendas.

— Pelo sr. Conde de Carcavelos foi pedida em casamento para seu filho, sr. dr. Francisco Pais de Sequeira de Campos e Castro (Carcavelos), a sr. D. Maria Manuela de Magalhães Bastos San Romão, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Helena Mamede de Magalhães Bastos San Romão e do sr. Diogo de San Romão.

O casamento deverá realizar-se no próximo mês de Julho.

— Na paroquial igreja de Santa Catarina realizou-se o casamento de sr. D. Maria José Pires Rodrigues, gentil filha da sr. D. Amélia Pires Rodrigues e do sr. tenente Luiz Pires Rodrigues, com o sr. António de Jesus Protero, filho da sr.ª D. Cândida de Jesus Protero e do sr. José Barros Protero.

Serviram de padrinhos da noiva, seus primos, sr.ª D. Ana Amélia Pires Benchimol e o sr. Moisés Benchimol, e por parte do noivo, seus pais e tios da noiva, sr. D. Adelaide Alves Pires e o sr. Jerónimo Pires.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas

— Na paroquial igreja de S. Domingos, sendo celebrante Sua Eminência o Bispo de Faro, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Cons-



Casamento da sr.ª D. Mónica Mary Eileen Leta Pope com o sr. George Ian Rankin, realizado em Londres

tança Fialho de Sousa Coutinho, gentil filha da sr.ª D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho e do sr. D. António de Sousa Coutinho (Linhares), com o sr. dr. José Pulido Garcia, filho da sr.ª D. Maria das Dores Pulido Garcia e do sr. dr. Francisco Pulido Garcia, já falecido.

Serviram de madrinhas da noiva as sr.ªs D. Maria Antónia de Sousa Coutinho Teles da Silva e a mãe da noiva, e de padrinhos os srs. visconde de Córte e dr. João Pulido.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche no Avenida Palace Hotel seguindo depois os noivos para o norte a passar a lua de mel.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na paroquial igreja de Santo António da Sé realizou-se o casamento da sr.ª D. Constança da Conceição Ramos, gentil filha da sr.ª D. Isabel Maria Ramos e do sr. José Ramos Coelho, já falecido, com o sr. Manuel Amador Barros Martins, filho da sr.ª D. Joaquina Martins e do sr. José Maria de Barros, já falecidos.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria José Girão Barros, e o sr. Domingos Alfredo de Barros, e por parte da noiva, a sr.ª D. Mariana Palma Faria e o sr. Manuel de Sousa Gomes Barquinha.

Presidiu à cerimónia religiosa, tendo havido missa acompanhada a órgão, o reverendo beneficiário Rodrigues Soares.

Finda esta cerimónia foi servido um fino lanche em casa da irmã do noivo, sr.ª D. Apresentação Barros Martins e seu marido sr. Roberto Martins Alves.

Aos noivos, que foram fixar residência em Beja, foram oferecidas lindas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso em Espinho, dando à luz duas gentis creanças a sr.ª D.ª Maria Amélia de Azevedo Vaz Pinto, esposa do sr. engenheiro Gaspar de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto.

Mãe e filhos encontram-se felicemente bem.

— Deu à luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D.ª Matilde Vieira da Silva e Moura, esposa do sr. Capitão Luís de Moura.

Mãe e filho encontram-se felicemente bem.

Baptizados

Realizou-se há dias o baptizado de uma filhinha da sr. D. Carmen Anahory Kudicé de Vasconcelos e do sr. dr. João Pimentel Pinto Kullice de Vasconcelos.

A gentil creança, que recebeu o nome de Maria da Graça, serviu de madrinha a sr.ª D.ª Maria Antonieta Patricio Alvares de Campos Henriques e de padrinho o tio materno, sr. Mimon Anahory.



A 4.ª em internacional de atletismo está já assistida por alguns resultados famosos; entre eles, o do lançador ateniense de martelo que alcançou 59^m,07, novo máximo mundial.

A opinião pública portuguesa anda muitas vezes insuficientemente informada sobre alguns acontecimentos sobre os quais a sua atenção devia ser atraída em especial.

Sucedem, porém, pelo menos no meio desportivo, que a imprensa subordina a sua missão às preferências averiguadas do público ou à propaganda dos assuntos de sua iniciativa, descurando a divulgação bem merecida de outras organizações pior fadadas à nascente.

Ocorre-nos este comentário a propósito da indiferença que têm cercado as provas dos jogos desportivos Universitários, empreendimento ao qual estaria reservado o mais fecundo destino se houvesse sido compreendida a vantagem do seu possível alcance.

Foi autor da ideia o sr. dr. Francisco Calheiros Viegas, desportista entusiasta, a quem a justiça ordena se não regateiem aplausos; ideia admirável, que deveria ser o germe dum movimento renovador de todo o desporto académico e da qual surgiria uma obra de importância decisiva para a expansão desportiva e da cultura física nas classes intelectuais, se os orientadores e dirigentes do movimento português lhe houvessem prestado a assistência necessária.

Temos diversas vezes manifestado a nossa discordância quanto à subordinação das competições desportivas escolares aos poderes organizadores de constituição civil clubista. Não porque lhes neguemos competência ou vontade de bem servir, mas por marcada preferência pelas teorias pedagógicas inglesas de que Tomaz Arnold foi o precursor e segundo as quais os estudantes devem ser eles próprios os mentores e organizadores da sua actividade desportiva.

Seguindo este critério, a mocidade beneficiaria duplamente: pelo desenvolvimento e educação das energias físicas, pela disciplina e autoridade do carácter.

Os jogos desportivos Universitários, cuja comissão organizadora foi integralmente constituída por alunos das faculdades e escolas superiores, e que apenas solicitou das entidades oficiais do desporto a assistência técnica conveniente para a regularidade das diferentes provas do programa, ajustam-se na perfeição aos moldes nossos preferidos. Oxalá se não perca a iniciativa por falta de continuidade; o sr. Ministro da Educação Nacional, que dispensou a estes primeiros jogos o seu patrocínio e a cujo espírito de largas visões tantos e tão preciosos serviços deve a causa da cultura física em Portugal, prestaria mais um

relevante auxílio promovendo a criação duma federação desportiva académica, que chamasse a si todas as organizações dispersas e cortasse em definitivo um



A nadadora americana Lenor Holm, campeã olímpica e detentora de «records» no estilo de costas, é agora profissional e a primeira atracção nos festivais da Piscina da Água na exposição de Nova York.

A QUINZENA DESPORTIVA

estado de coisas que a ninguém aproveita.

Basta, como exemplo a citar, o fracasso dos campeonatos universitários de atletismo, que a Associação de Lisboa desistiu de levar a efeito porque não recolheu inscrições que merecessem o trabalho a dispender.

★

A quinzena trouxe-nos o conhecimento de mais um campeão regional, o de «handball», que já de há longas semanas se previa qual fosse mas só agora e depois de seis meses de competição teve oficialmente confirmado o seu título.

Este campeonato com meio ano de duração, desde 11 de Dezembro de 1938 a 18 de Junho de 1939, deve ser prova única no género e deixou tão desagradável impressão que por certo não voltará a repetir-se segundo a mesma fórmula; é sempre difícil, para não dizer impossível, prender durante tão longo prazo o interesse do público e dos participantes, mas o torneio regional de handball sofreu ainda da agravante imprevisível de haverem ficado determinados todos os primeiros lugares da classificação com larga antecedência. A parte final da prova foi apenas uma obrigação aborrecida, mas que por ser obrigação se não conseguia evitar.

O triunfo alcançado esta época pelo Sporting Clube de Portugal, campeão nas duas categorias com 31 vitórias em 51 jogos disputados e 257 bolas marcadas contra 50 sofridas, é em valor absoluto o mais brilhante possível e, em valor relativo, certificado duma classe superior à dos seus adversários. A categoria de honra termina o campeonato com 7 pontos de vantagem sobre o se-

gundo classificado e 11 sobre o terceiro, ao passo que o avanço da segunda categoria sobre os immediatos é respectivamente de 5 e 10 pontos.

Esta superioridade manifesta do Sporting sobre os restantes grupos praticantes não permite afirmar que o nível médio do handball tenha subido na região, nem tão pouco a marcha do torneio de campeonato demonstra progresso na expansão da modalidade. O número de colectividades desportivas adeptas deste jogo tende ao estacionamento, com sintomas até de regressão, e nessas mesmas agremiações os jogadores escasseiam ao ponto de lhes não permitir a conservação de duas categorias em actividade.

Conclui-se, em resumo, da análise à época, que o handball embora possa considerar-se melhorado sob o ponto de vista técnico nos elementos de primeiro plano, está necessitando qualquer acção estimulante para que não decline da posição a que ascendeu na escala comparativa dos jogos em campo praticados no nosso meio desportivo.

★

A temporada de futebol terminou em atmosfera borrascosa, provocada pela atitude um tanto extranha dos dirigentes duma das mais importantes agremiações desportivas do país, que em hora de má inspiração esqueceram que os assuntos do desporto são regulados pelos respectivos poderes constituídos e que é sempre mau levar junto dos mandantes da Nação ecos desprestigiantes de indisciplina e desordem, sobretudo quando estes nunca existiram senão na imaginação dos queixosos.

O assunto é demasiado melindroso para que a seu respeito possa abertamente travar-se polémica ou, mais simplesmente, exprimir doutrina; limitemo-

nos a escrever que o desporto é para os seus propagandistas ideólogos um agente de camaradagem, respeito e solidariedade social, que vive subordinado a leis próprias, independente dos interesses facciosos e extranho às influências políticas. Só serve a sua causa quem sacrifique conveniências habilidosas à norma de respeito pelo espírito de lealdade dos adversários e de confiança na rectidão de justiça dos organismos dirigentes.

Maus amigos são aqueles que, pelos seus actos, criam a suspeição e abrem portas ao descrédito.

★

Vamos nesta crónica citar um acontecimento extraordinário sucedido no estrangeiro, facto que há bastantes quinzenas não se passava.

No dia 16 de Junho, na futura pista olímpica de Helsinki, o corredor finlandês Testomaki pulverizou o «record» mundial pedestre da légua que era pertença do seu compatriota Lehtineu, percorrendo a distância em menos 7 segundos $\frac{1}{10}$, o que representa praticamente uma vantagem de 45 metros!

Não sei se o leitor fará perfeita ideia do que seja correr cinco quilómetros à média horária de 21, $\frac{1}{10}$ 204, mas experimente mantê-la durante um pequeno percurso (554 metros num minuto) e avaliará de seguida o merecimento da proeza do fenomenal pedestrianista.

Quando, há vinte e sete anos o primeiro dos finlandeses famosos, Annes Kolehmainen, aproximou o inesperado limite dos catorze minutos e meio, após uma luta titânica com o francês Boulin, julgou-se atingido o limite das possibili-



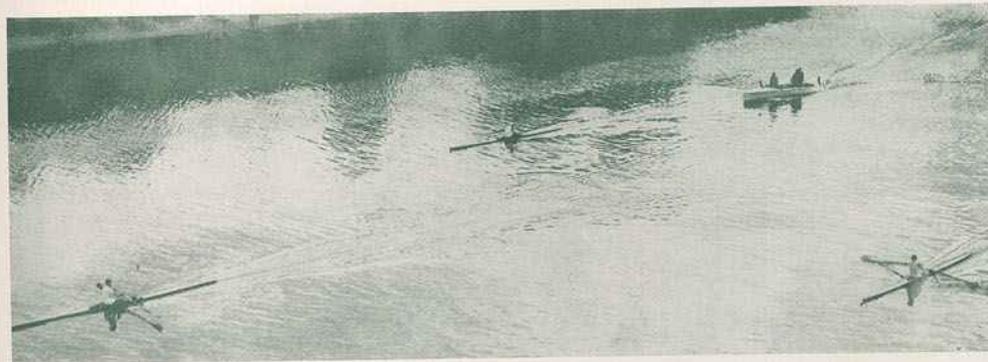
Reabriu a temporada da natção, e nas piscinas e pratas, os corpos dos nadadores que mergulham desenham no ar figuras de suprema graça.

dades humanas e que seria necessária a reunião na mesma pista doutros dois homens excepcionais para que o tempo da légua baixasse o seu limite. No entanto, apesar de semelhantes previsões, o «record» diminuiu, de 1912 até à actualidade, 28 segundos, um segundo por ano decorrido.

Quem ousará agora afirmar que o futuro não transformará em banalidade o que hoje provoca tamanha admiração?

Sim, porque neste mundo de imprevistos e surpresas maravilhosas, tudo é possível...

SALAZAR CARREIRA.



Durante os meses de verão, as provas de remo animam, em todos os países europeus, as águas calmas dos rios e lagos; esta paisagem de recente campeonato de França de «equipes» deixa-nos uma impressão de beleza e harmonia que faz quasi esquecer o esforço atlético do dos remadores.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bas-
tos; J. Seguíer; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Al-
meida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira,
2.^a ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torri-
nha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de:
P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e
Nomes individuais de M. Sitos.

ADOPÇÃO DE DICIONÁRIOS

Chamamos a atenção dos nossos confrades
para a alteração efectuada na lista dos dicioná-
rios supra indicados.

RESULTADOS DO N.º 32

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 12)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Nuninho, Siulho, Dado e Castela.

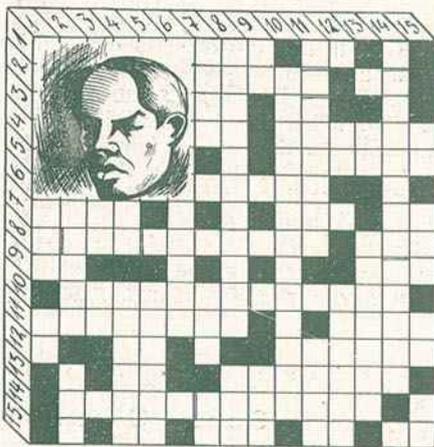
QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado — 11. Dr. Sicascar, Um Misterioso,
Francisco José Courelas — 10. Sevla, Oliva,
Mirna e Agasio — 10. Dama Negra, Calave-
ras, Anjo das Serras, Diriso e Cigano — 8.
Ramou Lágrimas, Sol de Inverno, Tarata,
Visconde X. Fra-Diávo! Ameolinda e Aris-
tofanes — 7. Neptuno, D. O. X. e Doris 1-5.

DECIFRAÇÕES

1 — Rodaviva. 2 — Voadura. 3 — Desagradecido.
4 — Secação. 5 — Martelo. 6 — Magana. 7 — Micado.
8 — Evara. 9 — Entredia. 10 — Caique. 11 — Mudado.
12 — E dizendo isto arranca meia espada.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS

1 — Composição poética para ser cantada; a
alma. 2 — Soalheira; entrega. 3 — Artigo defe-
nido; vogal e consoante. 4 — Sua; espora. 5 —
Proseguir. 6 — Vila alentejana. 7 — fluxo; época;
agora. 8 — Romance de Aquilino Ribeiro; os.
9 — Pronunciei; tempo de uma traslação com-
pleta da terra em volta do sol. 10 — Obra lite-
rária de A. Ribeiro. 11 — Carinhosos; cevada.
12 — O ser consciente; pegara. 13 — Viração;
suasório. 14 — Romance de A. Ribeiro. 15 — Tudo
o mais; espádua; duas vogais irmãs; apenas.

VERTICAIS

1 — Incómodo; figura. 2 — Aprontam; inferior.
3 — Zomba; laço. 4 — Eia; refinara. 5 — Covil.
6 — Copos grandes de vinho. 7 — Pedes; men-
tira; bom. 8 — Reprovas; geração. 9 — Pertenc-
es; ligo. 10 — Destinaí (tratando-se do en-
dereço de uma carta). 11 — Obra literária de
Aquilino; aversão. 12 — Parai! nomeação. 13 —
Nota musical; selava com lacre. 15 — Clima; oca-
sião; eia; poeira.

• OBSERVAÇÃO: Os lados dos quadrados, em
duplicado, indicam a separação das palavras
componentes dos títulos completos das obras a que se
refere.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 41

TRABALHOS EM VERSO

LOGOFRIFO

(Agradecendo ao prezado confrade «Ordisi» o pré-
mio do «Desporto Mental» que me foi conferido).

1) Meu caro «Ordisi»: Obrigado
Pelas «Abelhas Doiradas»
Que recebi há bocado,
Do concurso de charadas.
Se da grande Arte Edipista
Fosse esperto como um alho,
Vá lá. Mas... um charadista
Imperfeito, no seu «talho!» — 1-2-5-6

Assim, nesta conjectura,
Tenho que, antes de traçar,
P'ra não fazer má figura,
O intelecto joieirar. — 4-1-2-3

Depois dêle bem 'spremido
O que é que de lá se tira?...
Um saber mui corrompido!
Creia que não é mentira. — 5-2-1-6.

Não vos quero maçar mais,
Caro «Ordisi», grande vate;
Aceite, sim, cordiais
Cumprimentos do

Leiria

«Magnate»

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

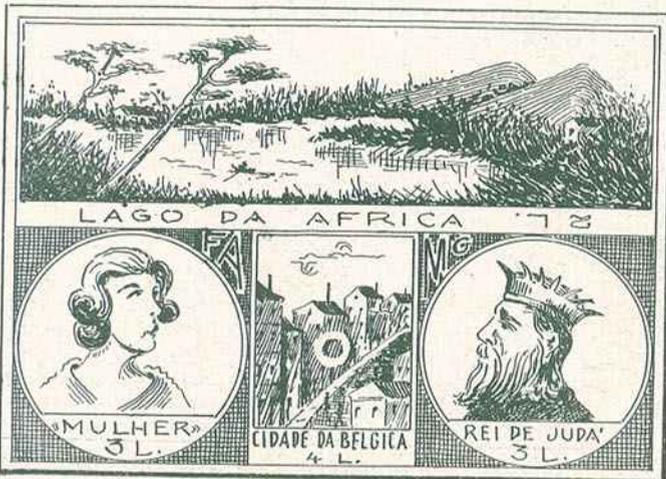
(Declinando um honroso convite. — Pretexto
para um trabalho).

2) Pediu-me «Alguém», um que «pesca»
A valer, segundo creio,
De charadismo, um trabalho
Pela volta do correiro
P'ra secção duma gazeta
Que horas depois vinha à luz — 2
No arrabalde lisboeta.
« — E' brincadeira!» supuz.
Pedir colaboração
E' trivial, é «corrente» — 2
Mas com tal pressa é que não.
E além disso é exigente...
Quer logogrifo em soneto,
Feito num rufo! a vapor.

6)

GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)



Leiria

Fácil, e talvez faceto,
P'ra não maçar o leitor.
P'lo visto «Alguém» é um «alho»!
Pensa, escreve, leva a cabo
O mais difícil trabalho
Sem o mais pequeno escolho,
Enquanto o negro diabo
Solta um ai! ou esfrega um ôlho!
O convite é um favor
Pelo qual grato lhe fico;
Mas recorrer a um cultor
Velho, já de pés p'rá cova
«Não leva água no bico?»
E há tantos confrades nossos,
Gente moça, gente nova,
Mestres na arte de rimar
A trôco de padre-nossos,
Que é caso p'ra suspeitar
Que o ilustre «Alguém», afinal,
Veio à «pesca»... Quiz «pescar»
Mais um freguês p'ró jornal.

Lisboa

Sileno

3) Nas margens do Tejo, havia
Muita gente olhando o mar,
Tôda cheia de alegria...
E' que ao longe, tudo via,
Uma nau a navegar.
Era a frágil caravela,
Que venceu o mar profundo
E dominou a procela.
Tão pequena... pois foi ela
Quem rodou primeiro, o mundo!
Como um berço de criança... — 2
Tão pequena... pois foi ela,
Quem dobrou e com pujança,
O Cabo da Boa Esperança,
Madrinha da caravela.
Na praia, o povo reza,
— Almas sãs, almas abertas —
Chegou a nau portuguesa,
Que fez da lenda a certeza,
Essa nau das descobertas.
? Quem vem nessa caravela
Tão gentil e tão pequena,
Que dominou a procela?
— Traz uma cruz numa vela,
Igual à cruz nazarena —
São os luso navegantes,
Que voltam das olimpiadas,
Onde venceram gigantes,
Cantando os feitos brilhantes,
No poema dos Luzíadas. — 2
.....
Entra no Tejo, serena,
A «Senhora da Esperança»,
Tão frágil, que até faz pena...
Tão gentil e tão pequena,
Como um berço de criança.
Com uma força inaudita,
Num grito d'alma profundo,
Há um marujo que grita,
Olhando a Pátria bendita:
Portugal! É nosso o mundo!

Lisboa

Rocambote

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

(Ao confrade Alvarinho,
agradecendo a sua adi-
tiva n.º 11. (Desporto
mental n.º 32)

4) Comprei hoje
uma panela para ofe-
recer a uma bonita
«mulher». 3-2.

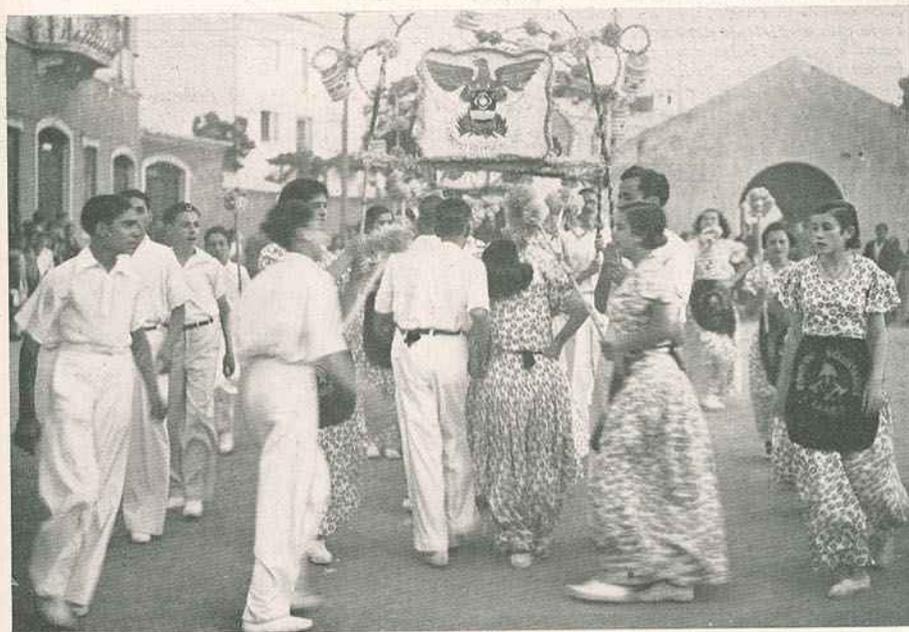
Luanda Ti-Beado

5) Este rapazote é
um verdadeiro idiota.
3-2.

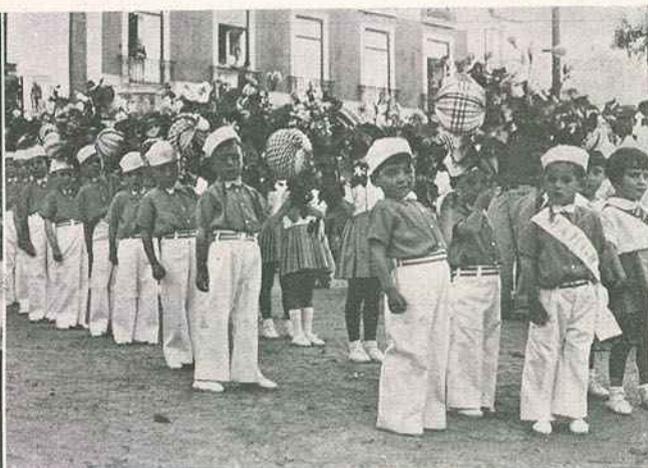
Luanda
Mr. Le Bossal

Tôda a correspon-
dência respeitante a
esta secção deve ser
dirigida a: Isidro An-
tónio Gayo, redacção
da Ilustração, Rua An-
chieta, 31, 1.º — Lis-
boa.

OS SANTOS POPULARES DE JUNHO



Algumas das marchas que percorreram a cidade nas noites dos Santos Populares: A dos Bombeiros Voluntários de Algés, a do Bairro Alto, a dos «Sempre Unidos» da Graça, e a Marcha Infantil do Campo Grande, que espalharam por onde passaram a sua tradicional alegria tão característica no nosso povo.





aceitar sem oscilar o dever que o destino lhes impoz.

As mulheres, em geral raras, que não têm em si o espírito de sacrificio e que vivem nestas dolorosas circunstâncias, a alma amolecida pelo luxo que as circunda, sem um trabalho obrigatório que as distraia dos seus sombrios pensamentos, estão á beira dum abismo em que acabarão por cair, se não há quem lhes mostre o perigo que as ameaça e quem lhes dê na vida um interesse superior, de arte ou de caridade, que introduza um derivativo, nessa triste diáspora, que a vida lhes deu.

Que não é o dinheiro que faz a felicidade da mulher, demonstram-nos todos os casos que são muito mais numerosos do que se imagina e mais vivamente o demonstram certos lares modestos.

Há pequenas casas com as paredes pintadas a óleo; móveis em pinho, em que a guarnição de luxo é o «crelon-se» e onde se respira a mais completa felicidade; onde ao intrinsecos sentimentos almas transpõem no doce afeto que os une, numa comunhão absoluta de sentir, num ideal superior comum, que torna fúteis todos os sacrificios e agradáveis todas as privações. O vestido de chita feito em casa, cobre uma mulher feliz, que o marido admira na sua graça simples e em quem deposita a confiança que a sua alma superior merece, e que ele sabe poder ter. E nesse ambiente modestissimo, mas sereno, a mulher que se sente querida e rodeada de carinho, abre a sua alma e evolui esse o-prito de sacrificio, que faz de algumas mulheres verda-

PÁGINA FEMININAS

permite extravagancias embora possam conservar uma elegância, a que a mulher não renuncia, facilmente ou pelo menos sem desgosto.

Em todas as idades se pode ser elegante e sentir bem, a questão está em saber escolher o que é próprio e pode fazer salientar essa natural elegância, que se pode conservar, se não houver uma predilecção por modas que de maneira nenhuma condizem com os cabelos brancos.

Saber vestir constitui uma arte, que para ser perfeita, é necessário que se vá modificando conforme os anos vão passando. Há certas cores que se não podem usar passada a mocidade, mas outras há que através dos anos se usam ficando sempre bem.

O branco é uma dessas cores. Novas e velhas de todas as idades, o branco favorece e não é ridículo. O mesmo não succedendo com cores berrantes e com algumas bem mimosas, como a rosa e o azul claro.

Apresentamos ás nossas leitoras algumas modé-los de prática e superior elegância.

Vestido de tarde em «crêpe satim», feito do lado baço do tecido. Saia e holero, muito simples. O holero apenas chega á cintura. Gola e canhões em setim branco. Blusa de setim branco descendo abaixo das ancas, com cinto preto. Chapéu em feltro preto, com fita de setim branco rematada na frente com uma aplicação em pedras.

É uma «toilette» distinta e que ficará bem a qualquer senhora, ainda que não esteja na primeira juventude.

Graciosa «toilette» para menina ou senhora muito nova. Saia em seda de fantasia quadriculada em azul escuro e branco. A saia bastante rodada, tem a roda plissada á frente num franziido «jaquetinha» em «tussor» de fio grosso, em azul-escuro, abotoadinha á frente, sapatos em camurça azul-escuro.

É uma «toilette» muito moderna e dum aspecto muito novo.

Vestido de noite em crepe mate branco, a saia é plissada em malinhas estreitas nas ancas e alargando para baixo. O corpo muito liso é guarnecido com um rico bordado em contas de cores, onde predomina o azul forte. A cintura é sublinhada por um cinto estreitinho, que se fecha, com uma minuciosa fitozinha. É uma «toilette» dum grande simplicidade, mas dum lindo efeito porque o bordado enriquece-a.

Para de manhã e para a praia ou térmias temos uma graciosa jaquetinha em riscas azuis, dois tons e brancas, em malha de lã.

É uma espécie de holero até á cintura com as riscas enviduadas; abotoado na frente, mangas simples e curtas. Muito pratico e gracioso. Com a mudança de penteados que ultimamente se tem feito, muitas senhoras não sabem a cabeça quando se perdem o hábito de o fazer com o uso do cabelo cortado.

Mas o melhor sistema é ir primeiro ao cabeleireiro ajustar o cabelo escolhendo um penteado que favoreça, e, em seguida, fazer esse penteado, aproveitando o gesto dado.

Damos hoje um lindo modelo para as senhoras a quem fica bem o cabelo para cima, puxado ao alto da cabeça. É gracioso o penteado e muito leve, com os róllos caindo para a testa.

AS CRIADAS

HÁ um inextinguível assunto nas conversas femininas, que é o assunto das criadas; as senhoras queixam-se do mau serviço e da dificuldade em arranjar criadas.

Mas temos que pensar que defeitos todas temos e que as criadas não podem ser a perfeição, tanto mais que pertencem em geral a um meio social, em que a educação não pode refrear os instintos.

O serviço tem sempre de ser vigiado pela dona da casa, porque a verdade é que quem faz sempre a mesma coisa, se não tiver um inte-

resse espiritual, que em geral não tem o serviço das criadas, acaba por cansar e se desleixar.

Claro que a dona da casa tem sempre de se incitar ao trabalho e de as vigiar, mas não quer isto desculpar os ralhos constantes, que são muitas vezes originadas por uma má disposição de que as criadas não têm a culpa.

A dificuldade em arranjar criadas é na verdade grande, porque a maioria das senhoras por motivos justificados ou não, não gostam em geral das criadas das agencias.

Há países onde não existe essa repugnância e arranjam criadas com facilidade.

Em Belgrado capital da Yugoslavia há um mercado como o de todas as cidades, mais pitoresco, que a maioria dos mercados, pela sua situação junto das azuladas águas do Danúbio, e pela poltroneira e variedade dos trajos dos aldeões, que nos Balkans conservam cuidadosamente a sua indumentária, sendo interessantes elas e elas com as suas altas botas de couro vermelho.

Nesse mercado, na ras principal, realiza-se duas vezes por semana a feira (chamamos-lhe assim) dos criados; dum lado da rua enfileiram os homens, do outro as mulheres e quem precisa de pessoal vai ali e escolhe.

Desde a rapariga para voltas, até á cozinheira afamada, ali encontra tudo o que precisa de pessoal, desde o rapaz dos recados ao criado de mesa e ao «chauffeur», tudo ali se encontra.

E as senhoras da Yugoslavia não são mais mal servidas, nem se queixam mais das criadas do que as de qualquer outro país. E sabem sempre onde encontrar criadas.

O DÉCALOGO DA SAÚDE

Em todas as escolas primárias do Estado de Illinois, nos Estados-Unidos da América encontra-se affixado o seguinte quadro impresso, a que os americanos chamam «Os dez mandamentos da saúde»:

- 1.º — Trata dos teus dentes sempre depois de cada refeição, lavando bem a boca.
 - 2.º — Bebe tanta água quanta queiras, contando que não estejas suado, nem seja inquinada a água.
 - 3.º — Vive ao ar livre o mais tempo que puderes.
 - 4.º — Inspira sempre pelo nariz, expirando depois pela boca.
 - 5.º — Conserva as janelas abertas de dia e de noite, mas evita as correntes de ar.
 - 6.º — Toma muitos banhos ou pelo menos o banho diário.
 - 7.º — Faz todos os dias meia hora de exercicio físico ou um passeio á pé, de preferência ao sol.
 - 8.º — Nunca te exaltes, nunca te zangues, mostra-te sempre calmo, alegre ou satisfeito.
 - 9.º — Não tenhas medo de rir, ri, ri, ri sempre que puderes e o mais das vezes melhor.
 - 10.º — Nunca te convenças de que estás triste ou que és infeliz.
- Realizando á risca o que manda este décalogo tem-se boa saúde física e boa disposição moral.

RECEITAS DE COZINHA

Bolo Mimosa: 12 gemas de ovos, 6 claras, 500 gramas de açúcar pilado; 500 gramas de amêndoas doces peladas e pisadas; cometa de casca de laranja aceda, 2, calda desta cometa, 0,3 e manteiga derretida 60 gramas. Batem-se primeiro os ovos com o açúcar até ficarem em castelo, depois deita-se-lhe a manteiga derretida, que se mexe muito bem e em seguida o doce de laranja e as amêndoas pisadas finamente. Mexe-se tudo muito bem e deita-se numa lata untada com manteiga, levando depois ao forno com calor um pouco inferior ao da cozedora do pão.

Sopa Saint-Germain: Coze-se um quilo de ervilhas num pouco de água com sal e uma pitada de soda. Logo que estejam cozidas, tiram-se, escorrem-se, pizam-se e passam-se pelo passador. Junta-se este puré a um bom caldo de carne e na ocasião de servir deitam-se duas colheres das de sopa, de manteiga fresca. Antes de se passarem as ervilhas guardam-se três colheres de ervilhas inteiras que se deitam nos pratos.

HIGIENE E BELEZA

ULTIMAMENTE as senhoras queixam-se muito que as suas unhas, objecto de tantos cuidados e embelezamento, estão enfraquecidas, par-



tem com facilidade e se desfalham. Em geral provém isto de enfraquecimento do estado geral que se trata com arseniatos e glicerofosatos.

Mas há agora a atender também o abuso do verniz de cores, que quando não seja de boa qualidade acaba por atacar as unhas, prejudicando o que se lhes quer dar á beleza. Como remédio, deixar de usar o verniz durante um tempo e aplicar de manhã e á noite a seguinte pomada nas unhas, para não sujar a roupa calçar umas luvas de malha usadas.

Lanolina 10 gramas, oxido de zinco 1 grama, glicerofosato de cálcio 1 grama, arciato de soda 0,05, nitrato de pilacarpina, 0,00, extrato de noz vomica 0,50, cochinhão para colorir, o que basta.

Puxar o lustro ás unhas com o polidor e querendo tê-las mais brilhantes de vez em quando aplicar pomada Ruha de Houbigant. Por muito estragadas que as unhas estejam melhoram em pouco tempo.

DE MULHER PARA MULHER

Graciosa: — É muito difficil dizer-lhe o que deve fazer embara o ambiente internacional se apresenta mais desanuviado.

Se tem coragem para arristar com os riscos dum viagem nessas condições, é fazê-la. Na verdade os programas são tentadores. Não leve muito bagagem.

Carisca: — É natural essa dificuldade de adaptação á todas isso acontece quando se muda de país, com aspecto definitivo, mas creia que acabará por se adaptar e vai ver que juntando muito boa vontade á ternura que tem por seu marido, ainda se sentirá muito feliz aqui. E bem natural sentir saudades dos seus, mas já não há distancias com as facilidades de comunicação. E sobretudo não mostre essa disposição de espirito á seu marido, porque pode desagradá-lo.

Providencia: — Não á lamento, antes pelo contrario á felicito, por viver uma vida tão útil e agradável nessa deliciosa paz.

De Eça de Queiroz aconselho-lhe «A cidade e as serras», «A Ilustre casa de Ramires», «A correspondência de Fradique Mendes», «Cartas e bilhetes de Paris». Os outros por enquanto não leia, ainda é muito nova para ler coisas que infelizmente são a vida.

Bibi: Não concordo com a sua opinião, uma rapariga que, estando, deve vestir-se como todas as outras raparigas, porque nada há de mais desagradável do que essas meninas que tomam um aspecto masculino, e, um ar doutoral, porque fazem um curso, o que hoje é uma coisa banal e que a maioria das raparigas fazem. Vista se e penteie-se como é moda e deixe-se d'esse aspecto pretencioso.

NESTA época de materialismo que atravessamos há muito quem pense que o dinheiro é tudo na vida, e, que só com fortuna, se pode ser feliz e viver com alegria.

É apesar de estarmos atravessando uma fase em que a humanidade é acima de tudo utilitária, não é ainda o dinheiro, que dá a felicidade e ainda bem que assim não é; porque representa isso, que os sentimentos humanos ainda se envolvem num outro ideal superior, onde o dinheiro não entra e nada pode.

É assim é na generalidade, muito mais isso se faz sentir na alma e no coração da mulher, que continua mais acessível ao sentimentalismo do que o homem.

É de esta sua maneira de sentir que nascem muitas vezes os mal entendidos que arrazam um lar e escingalham vidas, que pareciam insuperáveis aos olhos dos que os viam apenas passar na exteriorização do bem estar material, que têm a aparência dum viver feliz.

Há almas de mulher que se estiolam num ambiente de luxo; pela falta do carinho animador, da ternura que tudo torna agradável e dum communhão espirital superior, que eleva duas almas, e, as une numa só, num ideal comum.

Há homens que pensam que rodeando a sua mulher de todas as comodidades materiais, dando-lhes uma casa espléndida, forradas a seda as paredes, decoradas com primor, mobiladas com luxo, rodeadas com jardim, pondo-lhes á porta um luxuoso automovel, da última marca, abrindo-lhes creóllo na melhor modista e oferecendo-lhes uma joia de valor, se vez em quando, liberam para com essas mulheres todas as atencões a que um coração de mulher aspira.

Dos seus olhos nunca inquiriram, dos seus sentimentos intimos riem, como de pequenos infantes. Pedem-lhes apenas que sejam bonitas, que se inclinem diante dos seus caprichos, que lhes governem bem a casa, e, que satisfaçam o seu egoismo.

É o seu gosto que impera, vive-se apenas segundo a sua maneira de ver debaixo das leis, algumas vezes, dum estúpido etarne, e não nem esses homens á renolta surda que começa a fermentar na alma dessa mulher que é tratada como uma ota-lisca, fechada, no hárem do egoismo masculino.

Pobres e bem pobres essas mulheres que vivem nesse triste luxo, se não tiverem uma alma formada para um alto ideal, em que a base é o espirito de sacrificio, ideal que lhes permite



MARIA DE EÇA.

A MODA

CARRIDA de cores a moda deste ano é a mais graciosa destes últimos tempos, porque é também a mais amável de todas, porque se apresenta tão gentilmente, que não esquece ninguém e há nas suas mil variantes por onde escolher.

Finalmente que a moda não impõe um padrão único e que altas, baixas, magras e gordas não se vêem obrigadas a vestir da mesma maneira quer tenham dezoito, quarenta ou sessenta annos.

Há modas para as raparigas novas, para as senhoras e para aquelas a-quém a idade não



PIMIDE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —

Copas — R. V. 8

Ouros — A. 2

Paus — A. 3

Espadas — — — — N Espadas — 8, 3
 Copas — 10, 9, 7 O E Copas — D.
 Ouros — D. 10 Ouros — R. V.
 Paus — R. 8 S Paus — 10, 4

Espadas — 9, 7, 6

Copas — — — —

Ouros — 6

Paus — D. 9, 5

Trunfo espadas. S joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S joga R p., O — A p., (a) N — R e., E — V p.
 N > R e., E — 8 e., S — A e., O — 2 e.
 S > V e., E — D e., N — A e., E — 9 e.
 N > 2 e., E não pode defender nenhum dos
 naipes, S — 4 e. e faz as vasas tôdas.

(a) S joga R p., O — e p., N — 3 e., E — V p.
 S joga 4 e., O — 2 e., N R e., E — 8 e.
 N > 2 e., E — qualquer carta, S — 4 e.
 S > A e. e faz tôdas as vasas.

O avozinho

(Solução)

As netas têm 4, 5 e 11 anos.

$$(4 + 5 + 11 = 20)$$

$$(4 \times 5 \times 11 = 100 = 3 \times 4 \times 10)$$

Que número é?

(Problema)

Se multiplicarmos um certo número por 3 e lhe subtrairmos depois 40, o resultado será 140. Qual é esse número?

Espantalhos falantes

O velho espantalho dos nossos avós, com os seus braços em cruz e o seu antigo chapéu alto no tópo, está sendo modernizado, de forma curiosa, na Califórnia.

Nas árvores de plantação de fruta, colocam-se alto-falantes de T. S. F. Estes espalham, pela folhagem, a sua música e até conferências que ao que parece, fazem medo aos pássaros.

Mas os pássaros daninhos que em geral, acabam por se habituar aos espantalhos, habituar-se-hão igualmente, aos sons emitidos pela telefonia.

A escritora inglesa Emiley Brontë aterrorisava-se com a ideia da celebridade e não queria que ninguém, nem mesmo seu próprio pai, soubesse que ela escrevia.

Eleonóra Duse era tão modesta que não gostava de assinar o seu próprio nome nos seus retratos:

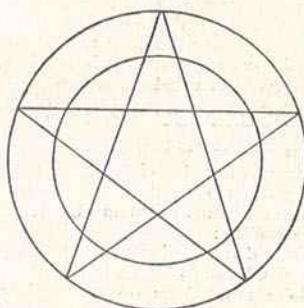
Em vez disso escrevia quâsi sempre o nome da personagem que representava, na fotografia.

Uma «linotype» minúscula

Há poucos anos, um inventor americano, de Jowa, de nome Ch. Bondey, confeccionou uma máquina de compor, de vinte centímetros de altura. Essa linotype liliputiana é movida por um motor de tamanho porporcionado. Compõe linhas igualmente em miniatura. Consta que o seu constructor trabalhou oito anos para realizar esta obra-prima de paciência.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)



Trata-se de copiar o desenho aqui junto, sem levantar o lapis do papel e sem cruzar nenhuma linha nem passar duas vezes pelo mesmo ponto.

A' procura de médico

Um cão vadio foi durante algum tempo cliente voluntário dum dispensário de Siliguri, em Bengala, na Índia inglesa. Tendo recebido um profundo golpe na cabeça apareceu, faminto à porta do dispensário e foi dali enxotado pelos empregados.

Um dos médicos, porém, teve dó do animal e pensou-lhe a ferida. No dia seguinte, o cão tornou a aparecer e o médico voltou a fazer-lhe o tratamento. Desde então apareceu tôdas as manhãs para receber curativo, até a ferida estar curada.

Depois de curado, todavia, nunca mais voltou ao dispensário.

Morreu há tempo com 82 anos num mosteiro do monte Atkas, um homem que nunca na sua vida tinha visto uma mulher. Chamava-se Mikailo Toloto. A mãe morrera quando ele nasceu, e desde esse momento foi criado e educado no mosteiro onde nunca entra mulher alguma.

Mais tarde tornou-se monge.

O xadrês improvisado

(Solução)



Fig. 1

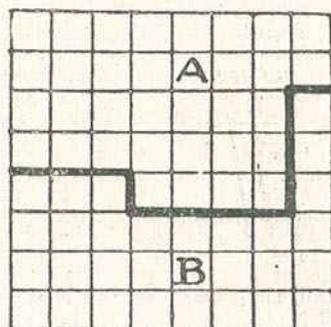


Fig. 2

O traço negro na figura n.º 1, mostra a maneira como o oleado foi cortado pelos patuscos estudantes, em duas partes, de modo que, juntas essas duas partes, se pudessem obter um quadrado perfeito conforme mostra a figura n.º 2, e se tivesse conseguido arranjar o taboleiro de xadrês.

Florestas virgens

Ainda hoje existem na Europa — segundo um magazine italiano — florestas virgens, isto é florestas onde nunca a mão do homem abateu uma árvore, onde estas têm mais de mil anos e os troncos mortos apodrecem na humidade.

A Alemanha é o único país da Europa onde elas existem e é na Baviera que especialmente se encontram.



O chefe do escritório: — ... e o seu orde iado será de 500\$00 por mês, passando a 600\$00 daqui a seis meses.

A pretendente ao logar: — Está, o melhor será talvez eu entrar daqui a seis meses, não acha!

(Do «The Humorist».)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116\$72

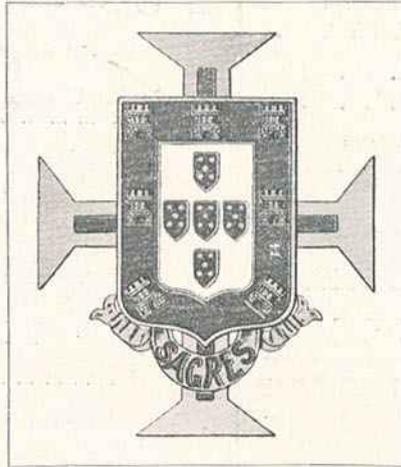
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803\$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na lantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto uma palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrivão de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance de uma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . Esc. 4\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Unicos importadores
CASA HAVANEZA-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sárá Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc. **6\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**OBRAS
DE
JULIO DANTAS**

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	br.	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br.		15\$00
ALTA RODA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.		12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.		12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.		9\$00
ARTE DE AMAR — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.		10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5. ^o millar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.		12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.		10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
DIÁLOGOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.		1\$50
ÊLES E ELAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.		12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.		10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.		9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.		6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.		8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.		12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.		2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.		1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.		12\$00

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27. ^a edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
 - 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
 - 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
 - 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
 - 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
 - 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
- 12 — **Vinte mil léguas submarinas**:
 - 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
 - 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- 14 — **A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
 - 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
 - 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
 - 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
- 17 — **Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
 - 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
 - 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
- 19 — **O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
 - 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
 - 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
 - 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
 - 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
 - 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
 - 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
 - 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
 - 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
- 33 — **A jangada**, trad. de Pompeu Garrido:
 - 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
 - 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
- 35 — **As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
 - 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
 - 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
 - 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
 - 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
 - 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
 - 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Keraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
 - 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
 - 44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
 - 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
 - 48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
 - 49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
 - 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
 - 54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
 - 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
 - 57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — *O padre Johann*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
 - 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
 - 62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- 63 — **A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
 - 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
 - 64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
 - 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
 - 68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
 - 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
 - 71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
 - 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
 - 74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agência Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agência Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA
POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A **LIVRARIA BERTRAND**, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9\$00 cada tómo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 3.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA